

GAZETA

VALSASSINA

junho 2018
número 68



Uma escola aberta ao mundo

Índice

Editorial	1
Educação e as Competências Multiculturais	2
Uma escola aberta à sociedade: A Dimensão humana e a responsabilidade social no Valsassina	3
Uma escola aberta à diversidade cultural	4
The Art of Ecocentric Education	6
“Ajuda como Podes” é mais do que um projeto de cidadania	8
Pensar a tolerância é um problema de adultos?	10
Viajar assim é viagem	12
O papel da ciência numa escola aberta ao mundo	14
Nem vai acreditar no que vai acontecer aos seus dados pessoais ao ler este artigo!	16
O Mundo é a Nossa Casa	18
Da abertura ao transcendente ao compromisso com a vida	20
Visita à Casa Fernando Pessoa – «A Máquina do Devaneio»	21
Entrevista com o escritor Nuno Camarneiro	22
Entrevista com António Luís Marinho	24
Sardinhas de Lisboa	26
As aves da Quinta das Teresinhas	28
O desafio de construir e lançar um microsatélite	30
Alunos do Valsassina apresentaram trabalho de ciência na INTEL ISEF 2018, nos EUA	32
BD: Mercúrio, Um problema invisível	34
Hands-on the bacteria: a journey to human microscopic flora	35
Determinação do pH do solo	36
Um contributo para o desenvolvimento de capacidades associadas ao pensamento computacional e à literacia digital	37
TSF – Programa Pais e Filhos (abril 2018): Escolhas para o futuro	38
National Public Speaking Competition	40
Quadro de Honra 2.º P 2017/2018	42
Concerto da Primavera	44
Hip Hop Dreamers: Crescer com Ritmo	45
A Viagem a Roma	46
Viagem de finalistas 12.º ano, Cabo Verde	47
Jantar de finalistas 2018	48
Aconteceu...	50
Aconteceu do desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus **Alunos**
Diretor **João Gomes**
Direção Editorial **Joana Baião**
Paginação e Impressão **idg · Imagem Digital Gráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem 1500 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas,
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Gomes Diretor pedagógico

Desde a sua origem que o Valsassina se assumiu como uma “escola aberta ao mundo”. E uma “escola aberta ao mundo” tem de ser uma escola aberta à diversidade e à inovação, uma diversidade, não só para conhecer na relação com os outros que são diferentes, mas também para trazer o diferente para dentro da escola. Os nossos jovens devem ser habituados não só a saber, mas essencialmente a ver e a saber fazer, tomando contacto com a realidade e desenvolvendo o gosto pela descoberta.

Estando a iniciar as comemorações dos 120 anos do Valsassina gostaria de partilhar alguns exemplos que ilustram a inovação e a abertura à sociedade e ao mundo:

- Pela mão de Maria Manuela Valsassina, pelo seu dinamismo e persistência, inovámos criando, em 1955 (num período fechado da nossa história coletiva), o Atelier de Expressão Plástica. Nos anos 60 e 70, do século XX, foram inúmeras as exposições e publicações sobre Educação pela Arte.
- Em 1966, a Arte Plástica Infantil, associada à Psicologia, levou à publicação de uma obra de investigação, que foi, durante muitos anos, uma referência.
- Em 1963/64, um estudo sobre as Competências da Matemática e a Aprendizagem é apresentado em Sevilha, por Frederico Valsassina e Camilo Cardoso.
- A partir do final dos anos 70, do século XX, foi estabelecida uma parceria com uma equipa de pedagogos espanhóis, que no momento ensaiavam várias inovações pedagógicas na Galiza.

- Ao longo dos anos já passaram pelo Valsassina dezenas de autores e escritores. De igual modo, merecem destaque as inúmeras visitas de estudo e viagens de finalistas. Como afirmou Frederico Valsassina Heitor (2005), *Já o meu avô, em 1948, referia a importância da tomada de conhecimento das realidades fora do espaço do Colégio. Decorridos quase vinte anos, na Páscoa de 1967, os meus pais concretizaram, pela primeira vez extrafronteiras, o há tanto tempo apenas escrito e organizaram uma visita a Madrid.*
- Nos anos 90, do século XX, foram várias as participações em projetos europeus. O primeiro foi o da Euroescola, entre 1994 e 1997. Seguiu-se o Projeto Comenius (1995 a 1998) e depois o Model European Parliament (1998 a 2003).
- Em 1998 fomos uma Escola Expo' 98.
- A partir de 2003 entrámos na Rede Internacional Eco-Escolas e em 2008 na Rede UNESCO. Uma Escola UNESCO é aquela que pratica um ensino intercultural e deve ser democrática e participativa nas suas estruturas e métodos.

“... nunca podemos dar-nos por satisfeitos com o que já fizemos. Há sempre algo, no presente e futuro, que podemos fazer melhor.”

João Valsassina

O voluntariado dos nossos alunos na comunidade local, o trabalho de criação artística ou científica, a defesa de ideias e os debates, as viagens de finalistas, são apenas alguns exemplos de como, com 120 anos, o nosso Colégio continua empenhado na formação de jovens conscientes e solidários, que saibam discutir e atuar sobre os problemas que nos envolvem a nível local e a nível global.

Como defendia João Valsassina, *nunca podemos dar-nos por satisfeitos com o que já fizemos. Há sempre algo, no presente e futuro, que podemos fazer melhor.* Nesta edição da Gazeta é possível testemunhar como continuamos a formar jovens cidadãos que valorizam o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático, continuado a beneficiar de um espírito de família que passou dos fundadores para toda a comunidade educativa.

Educação e as Competências Multiculturais

Dr. Jorge Bertrán* MSc



“... Estas competências devem começar a desenvolver-se no ensino básico para que os nossos filhos possam preparar-se para os desafios internacionais na educação superior e ter as competências necessárias para lidar com os desafios de um posto de trabalho internacional.”

Vivemos atualmente no contexto de um mundo globalizado, na era da informação, das redes sociais, do cinema internacional e de outras formas de interligação global. E, dentro dessa realidade global, entendemos que a educação tem, ou deveria ter, uma atenção especial para com o tema do multiculturalismo e da integração das diferenças.

Para Portugal, o convívio e a educação multicultural não deveriam representar uma dificuldade, afinal, a sociedade portuguesa resulta da influência de muitas culturas – provenientes de África, do Brasil, da Índia - cada uma com os seus costumes, os seus valores e o seu modo de vida. Desse hibridismo é que deveria nascer um indivíduo que não é branco nem índio, nem tampouco negro, mas que é simplesmente um cidadão do mundo.

A escola, por ser o espaço onde se dá, por excelência, o processo de socialização, constitui o ambiente no qual mais se discute a questão da diversidade – cultural, racial, social. Então, para que este processo aconteça, é necessária a educação multicultural que implica o respeito pelos valores do Outro.

Para que os nossos filhos tenham sucesso neste mundo globalizado, devem estar preparados para enfrentar desafios profissionais diferentes dos do seu ambiente nacional e doméstico, inerentes a um desafio profissional ou educacional no estrangeiro. Já não basta dominar as habilidades relativas às matérias da sua futura profissão. Nas atuais empresas multinacionais, os gestores necessitam de complementar as suas habilidades com as competências necessárias para lidar com um mundo global, equipas multiculturais, governos, tecnologia e políticas estrangeiras. Estas competências devem começar a desenvolver-se no ensino básico para que os nossos filhos possam preparar-se para os desafios internacionais na educação superior e ter as competências necessárias para lidar com os desafios de um posto de trabalho internacional.

* Conferencista: ISCTE Business School, Programa Mestrado Internacional Instituto Universitário de Lisboa, 2017-2018
 Coggin College of International Business, University of North Florida, Jacksonville, FL USA
 Mestrado em Gestão Internacional, ISCTE, Lisboa
 ADP London Business School, Londres UK
 Licenciado, Whitmann School of Management, Syracuse University, Nova Iorque, USA

Bibliografia

Bertrán, Jorge, *Competências Cruciais para Gestores Internacionais*, Editora Grupo Almedina, 2015 Lisboa



Uma escola aberta à sociedade: A Dimensão humana e a responsabilidade social no Valsassina

“Atualmente, admite-se que saber ler, saber escrever e saber contar não é a solução para o analfabetismo; o ensino tem a obrigação de promover o desenvolvimento de competências necessárias aos alunos para se integrarem na sociedade”.

Galvão, Reis, Freire e Oliveira, 2006 in Ferreira, 2013

A Escola deve ser uma instituição que se comprometa com a construção do indivíduo consciente e solidário, que saiba discutir e atuar sobre os problemas que nos envolvem a nível local e a nível global. Cabe-lhe ajudar a construir a base educativa que permita a inclusão total dos indivíduos na sociedade atual.

O Projeto Educativo do Colégio Valsassina visa o desenvolvimento pessoal do aluno que será o sujeito dessa mesma transformação, assumindo-se o Colégio como um interlocutor colaborando ativamente com o aluno e com a família nesse processo. Neste contexto, a **Educação para os Valores é transversal a todo o Projeto Educativo do Valsassina, sendo estimulada em todos os momentos da vida da escola, dentro e fora da sala de aula, na relação da Escola com a família e com a sociedade.**

Segundo Delor (1996), citado no relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI: “os problemas da sociedade envolvente não podem ser deixados à porta da Escola”. Numa perspetiva construtivista, a interação entre o sujeito e o meio gera conhecimento e, portanto, sempre que a Escola dá oportunidade aos seus alunos para agirem, para terem iniciativa própria, para desenvolverem a autoconfiança através de experiências variadas, raciocínios, críticas e confronto está a dar oportunidade a que estes jovens realizem aprendizagens significativas por si mesmos, num leque vasto de situações e circunstâncias.

Ao promover atividades de voluntariado, mediadas e animadas pela escola, estamos a oferecer aos alunos a oportunidade de participar ativamente na construção de uma sociedade mais coesa e mais solidária.

É neste contexto que, no Colégio Valsassina, são promovidas ao longo do ano lectivo várias campanhas e projetos que envolvem alunos de todos os ciclos de ensino. Entre estas atividades, merece destaque;

- Campanha **Pirilampo Mágico** que visa a angaria-

ção de fundos indispensáveis ao financiamento de atividades da CERCI - contribuir para a qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual e multideficiência - mas também de informação e sensibilização da sociedade em geral para a importância da inclusão das pessoas com deficiência.

- **Operação Nariz Vermelho**, cuja missão é levar alegria às crianças hospitalizadas.
- Campanha **Liga Portuguesa contra Cancro**. Alunos voluntários ajudaram a recolher fundos para o peditério nacional a favor desta liga.
- Campanha **Fundação Portuguesa Cardiologia**. Alunos voluntários ajudaram a recolher fundos para o peditério nacional a favor desta Fundação.
- Campanha de Natal. Recolha de bens para apoio: **ONGs da comunidade** local em articulação com a **Junta de Freguesia de Marvila; Comunidade Vida e Paz; Hospital D. Estefânia**.
- Campanha do **Banco alimentar contra a fome**, com participação de voluntários (alunos, professores e pais) nos armazéns da Avenida de Ceuta.
- **Voluntariado no CIJ, Centro de informação Juvenil do Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe** (Marvila). Diariamente, alunos do secundário, prestam apoio escolar a jovens da comunidade local.
- Intercâmbio dos alunos do 2.º ciclo e os utentes do **Centro de Convívio de Idosos da Igreja de Sta Clara**: postais de Natal solidários, coro infantil e visita dos utentes ao Colégio (tarde dos avós).

Através destas atividades é possível constatar que, o voluntariado pode constituir uma escola dentro da escola, oportunidades soberanas de participação social e cívica dos jovens, espaços de cidadania e de humanidade (Rosário, 2013).

A participação neste tipo de atividades assume-se como um importante complemento à formação académica, por permitir aos alunos olhar o mundo de outras perspetivas, para além da componente formativa e curricular.

Uma escola aberta à diversidade cultural

Maria do Carmo Vieira da Silva Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
PhD em Ciências da Educação
CICS.NOVA - Membro Associado

Os grandes acontecimentos do séc. XX, marcado na sua primeira metade por duas Grandes Guerras Mundiais e na segunda pelos processos de descolonização por parte de países europeus, a par de um desenvolvimento dos sistemas de informação e de comunicação, alteraram as formas de estar, de pensar, de viver, de grande parte da população mundial. Cremos poder afirmar que a “zona de conforto” de cada indivíduo foi substituída por desafios diários perante o novo, o diferente, o inusual.

Trabalhar a diversidade cultural é defender a heterogeneidade, o direito que todos temos de ser diferentes, a riqueza da pessoa humana. Saiba a “escola aberta à diversidade cultural” ser “uma escola aberta ao mundo”, e não se esqueça a “escola aberta ao mundo” que tem de ser “uma escola aberta à diversidade cultural.”

Perante uma lógica da monocultura social, dominante até então, surge a diversidade étnica, exaltada nas suas características físicas e culturais, presente em movimentos e *slogans* tão diversos como *black power* e *black is beautiful*. A diversidade cultural tornou-se uma marca de referência de um novo tempo, sustentada por documentos internacionais e nacionais que a defendem e valorizam:

Segundo a Rede Europeia das Migrações (2012), *diversidade cultural* são “diversas formas de **cultura** assumidas ao longo do tempo e do espaço, corporizadas na singularidade e pluralidade das identidades dos grupos e sociedades que compõem a humanidade, constituindo uma fonte de intercâmbio, inovação e criatividade” (p. 97). Esta definição baseia-se na Declaração Universal da UNESCO sobre

Diversidade Cultural (<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>), de 2002, onde se lê “o respeito à diversidade das culturas, à tolerância, ao diálogo e à cooperação, em um clima de confiança e de entendimento mútuos, estão entre as melhores garantias da paz e da segurança internacionais” (p.2). Como consequência, o documento proclama a diversidade cultural como um património comum da humanidade (Artigo 1), um fator de desenvolvimento (Artigo 3), e articula-a com os direitos humanos e a criatividade.

A própria Constituição Portuguesa refere explicitamente no seu artigo 13.º – Princípio da igualdade – que: “1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. 2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.” (<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>)

O documento *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* (2017) refere nos Princípios, no ponto D. Inclusão, que “a escolaridade obrigatória é de e para todos, sendo promotora de equidade e democracia. A escola contemporânea agrega uma diversidade de alunos tanto do ponto de vista socioeconómico e cultural como do ponto de vista cognitivo e motivacional. Todos os alunos têm direito ao acesso e à participação de modo pleno e efetivo em todos os contextos educativos.” (p.8) (<http://www.dge.mec.pt/noticias/perfil-dos-alunos-saida-da-escolaridade-obrigatoria>). Como consequência, pede-se aos professores que formem jovens cidadãos que valorizem “o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático” e rejeitem “todas as formas de discriminação e de exclusão social” (p.10).

Esta responsabilidade de formação de jovens ci-

MUDAR

Mudar nunca é fácil. Seja de ideia, casa ou colégio. Mas o processo é ainda mais “penoso” quando envolve países e culturas. Mergulhar de cabeça numa comunidade desconhecida, em que se parece estar completamente sozinho numa busca por qualquer tipo de reconhecimento pode parecer insuportável. E é por isso que sou imensamente grato ao Valsassina.

Lembro-me de entrar pelo portão no primeiro dia com as pernas bambas, tamanho era o nervosismo. Mas isso logo passou, pois assim que perceberam que havia um rosto desconhecido vagando pelos corredores aproximaram-se de mim com a mais sincera vontade de saber quem era aquele jovem que falava um português “mais aberto”. A atenção e a receptividade com que eu fui tratado desde o primeiro momento superaram as minhas melhores expectativas.

Com o corpo acadêmico a experiência não foi diferente. As dificuldades dentro da sala de aula – é claro – não foram poucas, mas foram facilmente superadas com a ajuda de todos os professores e coordenadores que sempre estiveram extremamente disponíveis. A convivência com outros alu-



nos estrangeiros (que não são escassos) também desempenhou papel fundamental na minha adaptação e levou-me a perceber que havia outros em situações muito semelhantes à minha, e que esses estavam tão inseridos no âmbito escolar quanto qualquer outra pessoa.

Assim, esses factores foram cruciais para que, mesmo a milhares de quilômetros de distância de minha terra natal, eu me sentisse em casa.

Tiago Salem 11.º 1A

Aluno brasileiro que iniciou, em setembro 2017, o seu percurso no Valsassina

dados constitui uma exigência da sociedade atual que engloba os professores, a família, os auxiliares de ação educativa, a comunidade próxima, a sociedade: todos nós, afinal. A cidadania aprende-se “experimentando”, fazendo, com os modelos de comportamento que vemos, com a reflexão sobre nós próprios e sobre o Outro.

Neste sentido, defendo que o “jovem cidadão” se forma desde o momento do seu nascimento, no contexto próximo da família, da creche, da ama, do jardim de infância, da escola. Para muitos é um total de 18 anos de experiência da diversidade, porque diversos são o pensamento, a cultura e os valores com que se confrontam. E é hoje, independentemente da sua idade, que a criança e o jovem têm de saber estar em sociedade, relacionar-se com o Outro, ser agentes responsáveis pela preservação da “nossa casa” global, o mundo.

Viver na diversidade implica cada um questionar-se sobre si próprio e assumir que ninguém tem a verdade. Há outras verdades para além da minha, e isso nem sempre é fácil de compreender e de aceitar.

Por consequência falar de diversidade não se restringe aos ambientes onde convivem pessoas culturalmente diferentes, com ascendências étnicas várias, portadoras de religião diferente, vestindo, comendo e comportando-se de modo diferente do meu. Porque há outros “mundos” diferentes do meu. Porque a diversidade é exatamente a exis-

tência de outros “mundos”. Porque o mundo vive da diversidade. É a sua grande riqueza e cada um de nós somos o seu contributo.

Uma “escola aberta ao mundo” tem de ser uma “escola aberta à diversidade”, uma diversidade não só para conhecer na relação com os outros que são diferentes, mas também para trazer o diferente para dentro da escola.

O professor, hoje, tem de ser um professor dos tempos de hoje. O seu espaço de trabalho é a sala de aula num conceito já não só restrito a “quatro paredes”. O seu campo de ação é, agora, espacial e digital, mas sempre alicerçado na “observação” do aluno, dos alunos, do mundo.

A complementaridade desta ação tem de vir também da família, dos encarregados de educação. Não podemos viver separados, de costas voltadas, no que diz respeito à educação. Os pais são pais e os professores são professores. A cada um exige-se o respeito pelo papel do outro, a complementaridade na educação do educando, o aprender que juntos faremos melhor.

Trabalhar a diversidade cultural é defender a heterogeneidade, o direito que todos temos de ser diferentes, a riqueza da pessoa humana. Saiba a “escola aberta à diversidade cultural” ser “uma escola aberta ao mundo”, e não se esqueça a “escola aberta ao mundo” que tem de ser “uma escola aberta à diversidade cultural”.

EM DESTAQUE The Art of Ecocentric Education

Lauren Ricard (France), Cátia Gomes (Portugal), Maria Petrovic (Serbia), Samantha Dorfan (USA), Vinh Le (Canada), Wesley Poh (Singapore)

Trabalho realizado no Workshop/Curso de Formação em Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) – Youth Leadership Training Course, organizado pela Associação Bandeira Azul da Europa em conjunto com a Foundation for Environmental Education (FEE) e com a UNESCO

Valsassina School's progressive approach to education stands as a model for environmental learning in Lisbon, Portugal.

The ravages of war were not kind to the private schooling systems in Lisbon during the 1910s, especially to those that held untraditional outlooks on education. Currently nestled in an underprivileged area of historic Lisbon, the Valsassina School defies the status quo and consistently stands as an instiller of ecocentric values. The 120-year-old estate has belonged to many generations of Valsassinans who all firmly believed in the importance of experiential learning and the integration of arts into conventional curricula. Despite the opposition faced, the school prevails at fostering a sense of social and environmental justice in their students through its unique programming. As biology teacher Andreia Luz says, "it is in the DNA of the school.

One such programme they are involved in is "Eco Schools," where the mission is to "ensure young people have power to be the change for sustainability that our world needs by engaging them in fun, action oriented and socially responsible learning." Valsassina became a certified "Eco School" in

2004. The leadership of the Valsassina School does not just focus on membership in environmentally conscious communities; more than that they wish for their students to become empathetic and globally responsible citizens of humanity. As such, Valsassina became part of the UNESCO Associated School Network in 2009 to promote these ideals.

In order to fulfill the requirements of an "Eco School," Valsassina implemented several projects over the past 14 years to make the building's infrastructure more environmentally-friendly. It strived to become a low-carbon school by replacing its old light bulbs with energy-efficient ones and using solar energy from 30 photovoltaic panels to heat water and provide electricity. Additionally, kids learn about agriculture by planting and growing produce in the school's garden, which can then be harvested and cooked for lunch at the cafeteria. "It's great," says Duarte Martins, a 16 year-old student, "because we actually get involved in the process and so appreciate the food a lot more."



Students use ecologically responsible art to recreate the Portuguese story "A Menina do Mar".



“... the sustainability trend flourished rapidly amongst the students.”



Recycled bottles serve as homes for future trees.

“O Mundo é a nossa casa (the world is our home).”

This concern about sustainability and the environment is not merely limited to the “Eco Schools” programme. Motifs from the natural world surround the 1,300 students of Valsassina, with paintings and art pieces of flowers, trees and vegetables hung all over the walls of hallways and classrooms.

“The fact that we grow fruits and vegetables ourselves in the school garden helps a lot,” explains Carolina Fonseca, a former Valsassina student now studying at university. “It’s easier for us to feel it, to touch it and then to draw it.”

Unsurprisingly, the sustainability trend flourished rapidly amongst the students. “The kids get so excited about the sustainability programme that they identify issues themselves and take action by finding solutions or volunteering in the local community,” says Andreia Luz.

In spite of all the school has managed to achieve, Valsassina refuses to rest on its laurels and is already envisioning the future it would love to claim. The school aspires to become carbon neutral by extending the use of solar energy to meet operational needs. This will be a challenge, especially with the high sunk costs associated with purchasing solar panels. Nevertheless, Frederico Valsassina, is certain that this will be a sensible investment in the long run, one which will continue to put Valsassina at the forefront of environmental sustainability for many years to come.

As for Carolina Fonseca, it is clear that her time at Valsassina was invaluable in shaping the person that she is today. She is seeking to implement recycling programmes in her university - an environment that is not as focused on sustainability as her alma mater. Regardless, Carolina is hopeful about fostering a like-minded community there, similar to that which she experienced back in Valsassina.

Duarte Martins shows students' drawings inspired by their empathy for nature.



EM DESTAQUE

“Ajuda como Podes” é mais do que um projeto de cidadania

Sara R. Oliveira Educare

Todas as semanas, alunos do Colégio Valsassina, pensam sobre conceitos importantes para a cidadania ativa. Envolvem-se em debates para compreender o mundo, perceber emoções e ajudar quem precisa.



Todos os dias são dias de pensar no outro, pensar como ajudar quem precisa, refletir sobre ideias importantes para uma cidadania ativa. Desde o início deste ano letivo que alunos do Colégio Valsassina, em Lisboa, têm esta oportunidade no projeto-piloto “Ajuda como Podes” da **Associação Um Por Cento**, estrutura sem fins lucrativos que dinamiza programas e atividades que contribuam para o progresso social. Tolerância, compaixão, cooperação, o eu e o outro, o mundo, a sociedade são alguns dos temas que estão a envolver alunos do colégio.

O projeto pretende que os estudantes adquiram competências socioemocionais e sentido crítico apurado, de uma forma criativa e responsável, que lhes permitam fazer escolhas socialmente responsáveis no futuro. Oportunidades para se conhecerem melhor, partilharem ideias e preocupações, alegrias e tristezas. Para Madalena Basílio, aluna da turma do 5.º ano, os assuntos abordados fazem-na pensar. “Ajudam-me a pensar os meus sentimentos”. O aluno Tomás Martins está contente com as aulas. “Gosto do projeto porque faz-nos pensar melhor no que aconteceu, no que acontece e no que acontecerá connosco e com os outros.” E Luís Henriques, da mesma turma, garante que o projeto tem melhorado “o trabalho em grupo”.

Há mais comentários sobre esta experiência. Afonso Canas gosta das aulas que falam de cidadania porque, além de escrever no caderno, também tem oportunidade de fazer atividades. “Acho que este projeto é divertido e ajuda-nos a manter-nos à vontade e com confiança”, diz Caetana Gomes. Gonçalo Cruzeiro garante que o projeto é “muito divertido e interessante” porque há “atividades giras e aprendemos a ser melhores cidadãos”. Inês Dias também partilha a sua opinião. “Gosto muito porque ajudamos as pessoas que estão na atividade a perceber que devemos mudar, e não devemos fazer nada de mal.”

Todas as semanas, num total de 24 a 30 horas ao longo do ano letivo, numa lógica de complemento de atividades, os alunos de uma turma do 5.º ano de escolaridade do colégio (5.º A) são estimulados a pensar em vários conceitos para que compreendam melhor o mundo e o seu papel na sociedade. A educação é um caminho para a cidadania e hoje há valores que são constantemente colocados à prova. Além disso, a presença e participação dos pais nas atividades extras-sessões são reveladoras de que o projeto está a cumprir o seu papel.

Texto publicado em: <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=134285&langid=1>

“Ajuda Como Podes” desafia os nossos alunos do 5.ª A

Ana Oliveira Professora de Educação para a Cidadania

Desde o início do ano que o projeto da Associação 1% “Ajuda Como Podes” está a ser implementado na turma do 5.º A. Semanalmente, na aula de Educação para a Cidadania, com a colaboração da Prof. Ana Paula Oliveira, os alunos são desafiados a refletirem, a aprenderem e a questionarem conceitos importantes para o seu desenvolvimento. Queremos que cada criança adquira, de forma criativa e experimental, competências socio-emocionais e sentido de propósito, que a levem a fazer escolhas socialmente responsáveis no futuro.

Face à importância que o Colégio atribui à disciplina de Educação para a Cidadania, no contexto das grandes orientações para a educação, reconhece-se a pertinência da introdução, durante o ano letivo, do projeto “Ajuda como podes”, como um complemento essencial ao conjunto das atividades do ecossistema escolar.

O trabalho desenvolvido pelos alunos, em coordenação com a equipa responsável do projeto e a docente da disciplina, pretende incentivá-los a pensar o “Eu e o mundo” e não somente o “Eu”. Estas sessões visam motivar os alunos e a comunidade educativa para as grandes ques-



tões da cidadania – tornando-a Ação, por isso – através do estímulo e consequente desenvolvimento de capacidades que permitam a participação informada nos desafios da construção de um mundo solidário.

“Ajuda Como Podes” é um projeto piloto na área da educação para a cidadania, e em fase de implementação pela equipa da Associação 1% no nosso colégio. O seu objetivo é capacitar pequenos agentes da humanidade, isto é, crianças que, ao longo do ano letivo, desenvolvem ferramentas e vivências que lhes permitam criar grupos de voluntariado para darem resposta a necessidades e problemas da sua comunidade.

Pode ficar a par do desenvolvimento deste projeto no Colégio Valsassina através das seguintes plataformas:
Site: www.umporcento.pt
Facebook: <https://www.facebook.com/associacaoumporcento>
Instagram: https://www.instagram.com/associacao_umporcento/

Agentes de mudança

“Os alunos sentem-se mais comprometidos e preocupados uns com os outros, percebem que juntos podem fazer coisas diferentes e importantes para a comunidade onde estão inseridos”, refere Maria Palha, psicóloga e responsável pelo desenho do projeto que tem uma equipa que o acompanha e mede o impacto que está a ter na vida escolar e pessoal dos alunos.

No final do ano letivo, há um Speed Date Solidário, um encontro em que os alunos, divididos em grupos, desafiarão os adultos a dar respostas a necessidades da comunidade onde o colégio se encontra inserido. Ou, por outras palavras, arregaçar as mangas e pôr mãos à obra para concretizar o que se foi aprendendo ao longo do ano. Criar grupos de voluntariado é um dos frutos do “Ajuda como Podes”.

E que necessidades são essas? Não é apenas teoria. O levantamento dessas necessidades está já a ser feito por uma equipa da Associação Um Por Cento que se tem reunido com várias pessoas, atores sociais, dos bairros à volta do colégio, para anotar quais os bens, serviços ou tempo que se pode disponibilizar para melhorar os dias de quem precisa de apoio.

Os alunos terão aqui um papel importantíssimo, uma vez que terão de envolver os seus colegas, familiares, amigos, professores, auxiliares, para



que sejam criados grupos de voluntariado que fiquem na escola nos próximos anos. A continuidade é um dos objetivos. Trata-se de um trabalho de articulação com a escola, com a professora de Educação para a Cidadania, e que conta ainda com a participação da Junta de Freguesia de Marvila.

“Até ao momento já conseguimos reunir com as instituições dos bairros circundantes ao colégio. É gratificante perceber que ao darmos 1% de nós, podemos transformar 100% da vida de alguém, e esse é o nosso propósito”, refere Filipe Canto e Castro, fundador da Associação Um Por Cento.

“Ajuda como Podes” poderá chegar a outras escolas. Haja vontade das escolas em desenvolver este projeto que envolve crianças e jovens em debates importantes para consolidar cidadãos mais conscientes. “O envolvimento da sociedade civil em causas sociais está estreitamente ligado com a clareza dos custos associados aos projetos”, sublinha o responsável pela associação.

Pensar a tolerância é um problema de adultos?

Cláudia Viana, Daniela Morais e Joana Baião Professoras de Filosofia para Crianças



O Iluminismo, época de exaltação da razão e de revisão das matérias do espírito, ensinou o Homem moderno a ser tolerante. Ensinou-lhe que o outro não é mais do que um outro eu, um filho das luzes, digno de um conjunto de direitos fundamentais. O conceito de tolerância surge, assim, no decorrer da luta pela igualdade entre os homens com fim a cessar um longo período de discriminação social e racial e estabelece-se como fundamento dos sistemas políticos modernos: a democracia funda-se na ideia de tolerância.

Hoje, numa época marcada pelas diferenças culturais e étnicas, é fundamental que a escola eduque as crianças, desde tenra idade, para o respeito mútuo, para a equidade e para a aceitação da diferença como elemento enriquecedor. Desta forma, *é além de tudo essencial que a escola não se separe do mundo*¹.

É essencial que, mais do que um balão de ensaio, a escola seja já em si uma sociedade em que as crianças e jovens se coloquem na perspetiva do outro, valorizem a diferença e construam ideias e valores com o outro. E, neste contexto, a filosofia com crianças apresenta-se como uma necessidade cívica de organizar o pensamento para melhor intervir no espaço comum.

Uma criança de cinco anos facilmente se indigna perante uma injustiça sofrida ou apresenta uma razão ou desculpa para algo que fez. No entanto, em tenra idade, têm dificuldade no campo dos raciocínios éticos, sendo mais difícil localizar essa mesma criança no campo da tolerância, levá-la a explorar a natureza do conceito ou a tentar defini-lo.

Podemos considerar que o principal motivo para essa dificuldade é precisamente o facto de existirem menos indícios de intolerância em crianças tão pequenas, quando as comparamos com as mais velhas, talvez porque a intolerância nestas idades se confunde com o aceitar das coisas até que elas afetem a criança, proibindo-a de alcançar a sua satisfação ou diminuindo a sua sensação de liberdade.

Não são estes modos de agir uma representação infantil e livre de *a liberdade dos outros termina quando ameaça a minha?* Para quem se coloca dessa forma perante o problema, as diferenças étnicas são irrelevantes: não importa a origem geográfica do colega, nem tão pouco a sua etnia ou proveniência cultural; não importa se há meninos que brincam com bonecas ou meninas que têm mais força e fazem o elogio público disso. Não é nas mentes mais tenras que residem esses filtros. O que importa é se *alguém* me levou a boneca, se *alguém* me empurrou ou não me deixou brincar e em que medida isso é justo ou injusto.

Assim, as gerações que iniciam os primeiros passos na investigação filosófica revelam oferecer-nos as sementes das discussões, comumente associadas aos adultos, sobre o preconceito, a equidade e os direitos fundamentais do Homem; mostram, muitas vezes, esquecer que houve em tempos uma cor a que se chamava *cor de pele*. E te-

“O que me deixa feliz é ser amiga de todos os amigos.”

Aninhas 5 anos C

“Há limites. Não podemos ser tolerantes nem intolerantes a tudo.”

Alexandre 4.º C

¹Agostinho da Silva, *Considerações*

mos, nesses momentos, espaço para observar que estamos, não perante a indiferença, mas perante a ausência de preconceito. Quando do alto da nossa idade e madurez da nossa cultura perguntamos: “Pensam que as pessoas são tratadas de forma diferente pelas cores da sua pele?”, eles respondem: “O meu irmão é mais moreno que eu e também é mais velho.”

Com um olhar atento, a criança apropria-se do mundo: observa os mais próximos e os distantes, depara-se com exemplos do que de melhor faz o Homem, mas também com exemplos de desrespeito pelo outro, justificados por juízos preconceituosos e argumentos vazios. Nesta apropriação, que é também uma construção, a criança vai sendo levada pela sua natureza a questionar, sob outros termos, a legitimidade moral da guerra, as discriminações e injustiças sociais ou os direitos fundamentais do ser humano. “Por que fogem do seu país? Por que não acaba a guerra? Por que maltratam os outros?” Estes problemas, e os conceitos que envolvem, são verbalizados em linguagem

e significações simples e, quando inseridos numa prática de investigação ética estruturada, enquadrados em situações significativas das suas vidas, desafiam o pensar de acordo com os critérios da racionalidade e da responsabilidade.

É no campo da Filosofia, por excelência, que se exercita o raciocínio ético. A própria comunidade de investigação (grupo de crianças disposto a pensar em conjunto) vai estabelecendo e internalizando um paradigma de valores éticos, aos quais adere afetivamente, em que a vivência da empatia e tolerância diante das diferenças, o cuidado pelo outro ou a esperança nas capacidades humanas são marca. As rotinas interiorizadas de um pensamento e de uma prática interventiva darão melhores frutos na participação e na construção do espaço comum.

Assim sendo, e porque as crianças são a *matéria-prima da humanidade*², consideramos que se aprende a ser cidadão praticando desde cedo e que, se queremos um amanhã mais tolerante, as questões éticas e políticas não podem ficar circunscritas aos crescidos.

Como uma exigência dos direitos humanos fundamentais, que rompe com a indiferença e com a afirmação de que todas as posições são legítimas e aceitáveis:

“A tolerância pode levar-nos a aceitar ideias e comportamentos errados, que não respeitam os direitos e as liberdades das pessoas, como a aceitação da tortura e das crianças serem soldados.”

Tomás 4.º C

“A intolerância pode levar à intolerância.”

José 4.º C

“A intolerância pode ser boa, pode ser como uma força que nos ajuda para que os outros não façam o que querem de nós. A Anne Frank depositou as suas ideias e esperanças num diário e a Mandala defende os direitos das crianças.”

Madalena R. 4.º C

Pensar a tolerância como prudência, quando se quer evitar conflitos:

“É quando dois amigos querem brincar, cada um à sua maneira, mas um deles aceita a brincadeira do outro para não se chatearem e poderem brincar

Filipe e Gabriel 1.º A

“Pode ser ser-se paciente com o outro, deixá-lo ser como é e fazer como quer.”

Sebastião, Manuel S. M. e Francisco 4.º C

Como aceitação e respeito pela diferença:

“É quando convivemos uns com os outros e não ligamos às diferenças.”

António 1.º A

“As pessoas são diferentes, mas isso não faz com que elas deixem de ser boas, amigas, corajosas ou amáveis. Devem ser todas respeitadas.”

Leonor e Pedro 4.º C



²George Steiner, *O Elogio da Transmissão*

EM DESTAQUE **Viajar assim é viagem**

Joana Baião Professora de Português

“Quem lê e quem escreve sabe que vive mais, vê mais, sente mais, é mais.”



Partimos com Saramago: “é preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava”. O autor deixa-nos deste modo diante da assumida impossibilidade humana de (vi)ver tudo de todas as formas, sugerindo-nos a ultrapassagem desta barreira pela reflexão ou visão reformulada e reformuladora sobre o mundo. Não podendo existir de mil maneiras, abre-se em nós a possibilidade (quase obrigação) de experienciar através da criação artística, literária, o que fica para além dos limites da nossa existência.

A pessoa que somos terá muitas possibilidades futuras, mas o leque das presentes e passadas é-lhe gradualmente limitado. Nesse sentido, aceder a momentos anteriores da História ou a outros momentos da vivência humana poderá ser feito através da literatura. Esta viagem é enriquecedora. E quem fala de uma viagem na História, fala também de viagens por feitos, géneros, personalidades, contextos nunca antes conhecidos ou sem possibilidade de exploração pela pessoa que o leitor na realidade é. Felizmente a maioria de nós não viveu a segunda guerra mundial e não se dedicou à escrita durante/sobre esse período. No entanto, temos Anne Frank e o seu diário ou Primo Levi e a sua obra *A Tabela Periódica*. Podemos conhecer o que

foram as suas vivências de guerra, compreendê-las em nós, pensar sobre elas e viajar para lugares não conhecidos, mas fundamentais para uma consciência coletiva, e aprender com eles. Este tipo de viagem muda-nos, numa medida semelhante à mudança que ocorre em nós quando visitamos novos países ou conhecemos novas pessoas.

Pensamos que a viagem tem, no mínimo, um carácter duplo, quando se trata de literatura. O leitor poderá viajar para onde a sugestão do autor o convida a ir. Mas o autor pode evadir-se também, na sua obra, criando um mundo onde possa existir, por fim; ou um novo espaço onde possa sobreviver ao mundo real. É o caso de Tonino Guerra, poeta e guionista italiano, preso durante a segunda guerra mundial. A literatura que trazia consigo, literalmente dentro de si, permitiu que não sucumbisse ao momento que vivia. Recitava o que sabia de cor(ação) para si e para os que o acompanhavam no campo de concentração, preenchendo os vazios do momento com a poesia que sabia de memória e com aquela que foi criando (e que mais tarde publicou). O poeta afirmou a este propósito que “a poesia é uma espécie de salvação” (entrevista de 2007 à TSF).

Afirmamos o carácter possibilitador da literatura, como criadora de mundos e de novas vivências no leitor e no autor. Quem lê e quem escreve sabe que vive mais, vê mais, sente mais, é mais. Sabe que possivelmente, e como dizia Borges, o paraíso, a existir, é uma espécie de biblioteca.

Poema realizado na sala de aula, no âmbito do estudo da unidade “Texto poético”:

Sala Escura

Uma grande sala
escura,
cheia de nada
o silêncio murmura
cheia de tudo
o caos perdura.

Enche-se de fogo
chama de vida
muito sentida
mas sem sentido.
Queima tudo no seu caminho
seja lobo
ou pardal no ninho.



Enche-se de água
por breu tonificada
por mágoas tocada
por lágrimas marcada.
Todos se afogam
no seu mar de conflitos
sem voz gritam que estão aflitos.

A voz que faltou
fala aos ouvidos
que não são bons
que estão desprovidos
de qualidades ou objetivos.
E enche-lhes a mente de suspiros
sobre rumor e mentira,

Que criam imagem denegrada
pela voz dos outros,
agora ouvida,
de um lobo
que à filha,
do pardal que no ninho vivia,
tirou a semente da primeira vida.

O lobo
de mentira criado
era apenas rato alado,
discriminado
por ser o que é
com mentiras
atadas ao pé.

Mal à filha
não faria
que do gosto dela partilha
porém ninguém sabia
e se soubessem
o que fariam?

À Santa
e à Abadia
tentavam convertê-lo,
curá-lo
vergá-lo
puniam o corpo, carente
tentando mudar-lhe a mente.

Cansado do fogo
da água
da Santa e d'Abadia
dos outros
das vozes
respirar não conseguia
e então fechou os olhos.

Afonso Costa 9.º A

Poema realizado no Caderno de Leitura e Escrita:

Como um pardal...

Voei para longe,
Talvez um pouco pequenino.
Pelo mundo fora parti, pelo meio do desconhecido!
Mas nunca saí da minha casa, do ninho.
Nunca da minha frágil bomba frenética de sangue
As memórias saíram, nem o que amava.

Sigo por onde der e necessitar,
Pois é a vida e o vento que me hão de guiar.
Estes que me escapam por vezes pelos dedos,
Tal como pelas penas de um pardal desliza.

Quando mais pela vida voo,
Mais percebo que, naquela hora,
Quando eu saíra a voar de onde a minha alma mora,
Foi quando aprendi a amar o início!
Nunca do meu ninho saí!

O vento tem correntes e
Envia-me para a frente, para trás,
De volta para onde os pardais
Nascem e caem e aprendem a voar.
De lá não sairão jamais!

Pedro Machado 7.º A

EM DESTAQUE

O papel da ciência numa escola aberta ao mundo

Ana Catarina Sousa Investigadora em Saúde Ambiental, CNRS LabEx DRIIHM, França



A minha experiência na Intel Isef 2018

Chegámos a Pittsburgh e após muitas horas de viagem cientes da dimensão do desafio. Encontrei um local que valorizava a diversidade e celebrava as diferenças, estimulando o convívio e a partilha de informação. Encontrei trabalhos de investigação de altíssimo nível, que não julgava ser possível para a nossa idade, regressei com a crença de que a idade, a nacionalidade ou o meio não são uma limitação, e com uma motivação reforçada para fazer cada vez mais e melhor!

Bernardo Alves 12.º 1A

Vivemos hoje num mundo global. A nossa vida deixou de estar confinada ao nosso bairro, à nossa cidade e ao nosso país e cada vez mais outras cidades e países fazem parte da nossa realidade. A escola deve acompanhar esta mudança e abrir-se ao mundo. Consegui-lo é obviamente um desafio extraordinário, não só porque é necessário mostrar para além do óbvio, ir para além daquilo que é a experiência diária da maioria dos alunos e das suas famílias, mas também porque este mundo global nos traz novos desafios. Hoje vivemos dominados por notícias falsas, onde a “pós-verdade” ganha cada vez mais terreno à escala planetária. Esta tendência de adulteração da realidade só pode, na minha perspetiva, ser combatida por cidadãos conscientes, críticos e com capacidade de questionar a “verdade” que nos é imposta diariamente. É preciso fomentar o espírito crítico nos alunos e fornecer-lhes instrumentos que lhes permitam tomar decisões conscientes e alicerçadas em fatos científicos. Desta forma a escola estará também a prestar um serviço à comunidade, trabalhando com ela e para ela. Alunos informados são alunos mais críticos e consequentemente mais preparados para viver neste mundo global. Esta nova geração estará também mais disponível para apurar os factos, para ir mais além na busca de conhecimento e para ultrapassar barreiras por forma a descobrir soluções mais sustentáveis e eficientes para os problemas do século XXI.

Neste sentido, o desenvolvimento de projetos de investigação e a parceria com as universidades é uma mais-valia, pois possibilita aos alunos adquirirem um conjunto de ferramentas que lhes permitem apurar de uma forma cientificamente robusta os fatos. Esta articulação escola-universidade é fundamental não só para os alunos e para as escolas, mas também para os investigadores e para as universidades que conseguem ver a ciência através de uma nova perspetiva. Esta minha opinião é alicerçada na colaboração que mantenho com os alunos de Biologia do Colégio Valsassina desde 2016. Trabalhar

Legenda: **A** – Alunos em trabalho de campo na Nazaré (10.º ano). **B** – Alunos no laboratório da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (11.º ano); **C** – Alunos no laboratório da Universidade de Aveiro (12.º ano); **D** – Apresentação de um projeto na INTEL ISEF, nos EUA (12.º ano, maio 2018)

“... que esta escola aberta ao mundo formará uma nova geração de jovens, que será capaz de viver num mundo global e em mudança e que estará à altura dos imensos desafios que esta globalização nos coloca.”



com estes alunos ([Afonso Mota](#), [Bernardo Alves](#) e [João Leal](#)) e com o seu Professor de Biologia ([João Gomes](#)) tem sido um dos desafios mais gratificantes da minha carreira.

A nossa colaboração surgiu precisamente quando eu estava a trabalhar do outro lado do mundo, no Japão, mostrando que o mundo de hoje é global e que nem a distância, nem a diferença horária, impede estes alunos de conversarem e discutirem ideias com os investigadores, onde quer que eles estejam. Desde esse primeiro contacto muitos outros aconteceram, na sua maioria através de videochamadas, ou não estivéssemos nós em cidades/países/continentes diferentes. O projeto inicial foi, entretanto, concluído, mas dado o elevado espírito crítico que a escola soube incutir nestes jovens, outros projetos se seguiram. Recentemente, um dos projetos foi apresentado pelos alunos nos Estados Unidos, mostrando que o trabalho realizado numa escola em Portugal pode interessar a um público à escala internacional.

De facto, o futuro é agora e acredito que esta escola aberta ao mundo formará uma nova geração de jovens, que será capaz de viver num mundo global e em mudança e que estará à altura dos imensos desafios que esta globalização nos coloca.

Três anos passaram, como se fossem três dias!

Como pais, foi um percurso emocionante: ver o nosso filho iniciar o secundário numa escola que marca a diferença pelos desafios que lança aos seus alunos, vê-lo crescer com os objetivos de uma vida a serem definidos, percorrer o caminho com muito trabalho e esforço e festejar algumas vitórias.

A primeira viria logo no 10.º Ano, ao vencerem o Concurso de Jovens Repórteres para o Ambiente. Foi o culminar da primeira investigação, que levou o grupo a recolher amostras de moluscos na Nazaré, a tomar contacto com processos científicos para provar a causalidade da poluição de TBT no mar com imposexo, e a conhecer investigadoras da área de trabalho.

Estava criado o “bichinho” e o gosto pela investigação, que continuou nos anos seguintes, com novos projetos, contactos com investigadores e faculdades, da Covilhã, de Aveiro, de Lisboa, participação em Con-

ursos e Prémios Nacionais, e viagens, aos Açores e aos EUA!

A seleção do trabalho “Avaliação dos níveis de mercúrio de uma população de jovens portugueses entre os 12 e os 18 anos”, pela Fundação da Juventude, para participação na INTEL/ISEF 2018, em Pittsburgh, EUA, a maior feira de Ciência e Engenharia, foi para nós um imenso orgulho e o reconhecimento final do bom trabalho que a escola fez no crescimento do nosso filho, como pessoa e como estudante.

E se, como pais, poderíamos estar preocupados com tantas atividades e tantas viagens, a confiança foi sempre total, pelo profissionalismo com que a escola trata destes assuntos e o cuidado especial que tem com os seus alunos, com uma referência muito especial ao Dr. João Gomes, que sempre acompanhou pessoalmente.

Margarida Soares & José Maria Alves, Pais do [Bernardo Alves](#) 12.º 1A

A participação do Afonso em vários projetos no âmbito da disciplina de Biologia e Geologia, nos 10º e 11º anos, e de Biologia, no 12º ano, revelou-se uma experiência extremamente enriquecedora, que muito contribuiu para o seu desenvolvimento académico e pessoal. A possibilidade de realizar investigação num quadro próximo do que acontece na vida real, de desenvolver um verdadeiro trabalho se equipa, de contactar investigadores externos e de estar presente em feiras de ciência, nacionais e internacionais, teve não só um grande efeito motivador, como acabou por desempenhar um papel importante relativamente à decisão do que fazer após o ensino secundário. E é isto que a escola deve ser: um lugar de formação académica e cultural mas, também, um percurso de exploração pessoal que ajude cada um a encontrar o seu caminho.

Lina Morgado e José Mota, Pais do [Afonso Mota](#) 12.º 1A

Nem vai acreditar no que vai acontecer aos seus dados pessoais ao ler este artigo!

José Rainho Professor de Informática



“... O que fazer neste estado atual da tão afamada autoestrada da informação, em que essa informação é tão pouco fiável?”

Vivemos na era do clickbait, não vivemos? Desde notícias que começam com títulos como o que escolhi para este artigo, para despertar a curiosidade dos leitores com promessas que depois não se materializam no texto; passando por declarações inflamadas de notáveis que não se concretizam de forma alguma no que realmente acaba por acontecer; e incluindo a publicidade que encontramos nas redes sociais (e em toda a Web em geral), que promete características, informações e funcionalidades nos sites e aplicações publicitadas... que na verdade não existem, ou acabam por ficar distantes do que foi anunciado. Os dados pessoais utilizados por empresas como a Cambridge Analytica foram tipicamente obtidos quando os utilizadores autorizaram essa recolha aquando da subscrição a páginas ou aplicações cuja publicidade os interessou. O que fazer neste estado atual da tão afamada autoestrada da informação, em que essa informação é tão pouco fiável, e em que muita dela é obtida através de práticas tão pouco éticas e tão duvidosas de um ponto de vista de privacidade de dados pessoais?

Para tentar desembaraçar todo este novelo digital, começámos a Semana da Informática em cada uma das turmas dos 7º e 8º anos com uma frase assumidamente na forma de clickbait: “Tudo o que partilhamos na Internet, seja em que contexto for, deixa de ser nosso”. Esta polémica afirmação era, em seguida, desmistificada em três vertentes:

- Se partilharmos um conteúdo criado por nós, não perdemos os direitos autorais, mas não temos qualquer controlo sobre o que os utilizadores farão com ele;
- Se partilharmos um conteúdo e o apagarmos posteriormente (porque, por exemplo, nos arrependemos de o partilhar), é perfeitamente possível que alguém o tenha guardado e o volte a publicar, potencialmente noutro contexto;
- Se partilharmos dados pessoais com aplicações ou páginas Web, não temos controlo sobre a forma como eles serão utilizados.

Mesmo sendo cada vez mais verdade que todas as aplicações e páginas Web dispõem de políticas bem definidas e teoricamente transparentes de privacidade de dados pessoais, quantos de nós as teremos lido com atenção? Ou as teremos aberto, sequer? Muitas vezes, podemos estar a dar autorização para a utilização dos dados, que nós próprios fornecemos, de formas com as quais, afinal, não estaríamos totalmente confortáveis.

O que fazer, então? A que conclusões chegámos

com os nossos alunos? Estará na altura de apagar todas as nossas contas nas redes sociais e desligar todos os equipamentos?

Não, claro que não.

A solução para a privacidade de dados pessoais nestes tempos conturbados é surpreendentemente simples, e é a mesma já há anos: nunca partilhar em redes sociais e na Web quaisquer dados e conteúdos que não nos deixem total e completamente confortáveis com a sua divulgação pública. Não nos sentimos bem por utilizar cartões de crédito num determinado site? Não os utilizamos. Não nos parece bem uma aplicação pedir o nosso número de cartão do cidadão? Não o fornecemos. Uma app de uma rede social pede para aceder ao nosso perfil público e endereço de email e desconfiamos que vamos passar a receber spam? Não a adicionamos. Não é uma solução mágica, não há uma ferramenta automatizada que o faça por nós, mas é esmagadoramente simples: antes de partilhar, antes de executar, antes de clicar...

... Pensamos.

E pensar antes de partilhar é algo que faz tanta falta na utilização que o Mundo atualmente dá à Web e às redes sociais!

Respondendo ao clickbait do título: não vai acontecer nada aos seus dados pessoais ao ler este artigo. Mas se partilhar, clicar e executar aplicações de forma não informada... já não garanto nada!

The Dark Side of Social Media

There is no doubt that most people believe that using social media is more of a benefit than a drawback. However, the use of social networks can actually be harmful. Did you know that for some people understanding a life without social media is nearly impossible?

There are lots of advantages to using social networks. Firstly, you can instantly reach people from anywhere or find old friends and school mates by searching them on Facebook, since you have the ability to look up for people from all over the world. Secondly, by simply opening up our laptops or picking up our smartphones, we can immediately start communicating with anyone on platforms like Twitter, Instagram or one of the many social media apps available. As a result, you can easily be informed and updated on what's happening around you and keep in touch with your family and friends. One other important advantage of social media is the platform it gives entrepreneurs to develop a network around their business, powering small projects and creating new opportunities.

On the other hand, there are also a lot of disadvantages. Nowadays, with so much sharing going on, issues over privacy are definitely a major concern, whether it's a question of social sites owning your content after it's posted; becoming a target after sharing your location on-

line; or even getting into trouble after posting something inappropriate. Therefore, sharing too much with the public can open up all sorts of problems that sometimes can't ever be undone. Another disadvantage is that for some people, especially teens and young adults, peer pressure sometimes makes them do certain things on social media that may end up being worse than they would be at school or any other offline setting. In some extreme cases, the overwhelming pressure to fit in and the fear of missing out (FOMO) with everyone posting on social media can lead to serious stress, anxiety and even depression. Worst of all, one can become the target of a cyber-bullying attack.

As far as I'm concerned, schools should have class discussions on the use of social media, invite experts to give presentations and promote anti-bullying policies as a way to help young people understand the dangers of social media.

All in all, I think social media can help people to find old friends or make new ones but you must be wary; otherwise, you may risk falling to the dark side of social media. Like once Erin Bury said "Don't say anything online that you wouldn't want plastered on a billboard with your face on it".

Afonso Lozano 9.º A

Texto elaborado na disciplina de Inglês, sob a supervisão da Professora **Inês Ferraz**



EM DESTAQUE **O Mundo é a Nossa Casa**

Teresa Marques Pinto, Maria Bivar e Mariana Casimiro Educadoras das turmas de 3 anos

“... compatibilizar as diferenças individuais com a vida em sociedade...”

A casa é um pequeno mundo que contém em si toda uma carga afetiva, elemento de estabilidade necessária ao equilíbrio no desenvolvimento da criança. Assim, quando iniciámos o projeto “o mundo é a nossa casa” com as crianças de três anos no primeiro período, começámos por pedir uma fotografia do quarto de cada aluno, que foi apresentada individualmente ao grupo e exposta na sala de aula. Depois foram trabalhadas as restantes divisões da casa, com vários materiais, jogos, revistas e livros.

Pertencendo o nosso colégio a uma grande família e contendo um grande património histórico, construído ao longo de mais de 100 anos, levámos o nosso grupo de crianças a conhecer a casa “museu”, todas as suas divisões e o seu especial significado.



No segundo período foram trabalhadas as casas típicas de Portugal, tendo em conta as tradições e características de cada região, dando assim a conhecer às crianças a diversidade de tradições e culturas. Pedimos a colaboração dos pais para a concretização do nosso projeto, com pesquisas realizadas com os filhos e a construção de uma casa típica de Portugal, tendo em conta a região, as suas características e materiais de construção. Deixámos ao critério da criatividade e imaginação de cada família. O resultado foi surpreendente! Apareceram casas em maquetas de algumas zonas do país, trabalhos com fotografias e breves descrições das casas. Todas foram apresentadas à turma mais uma vez por cada criança.



“O mundo é a nossa casa”, é o tema do projeto que tem vindo a ser trabalhado pelo Jardim de Infância do Colégio Valsassina. Nesse contexto, a equipa do Jardim de Infância lançou um desafio às famílias. Deveríamos pôr a nossa imaginação a trabalhar e realizar um trabalho de pesquisa sobre uma casa típica de Portugal. Tivemos liberdade total para escolher o que fazer e como o fazer.

A escolha da casa e respetiva localização geográfica foi fácil para a nossa família. Tinha de ser a casa da Costa Nova, em Aveiro, pois havia uma relação emotiva com esta zona, dado que vivemos em Aveiro nos últimos 6 anos. Decidimos então

construir uma casa em 3D usando o barro como matéria-prima. Pareceu-nos logo à partida um desafio complexo mas estávamos dispostos a tentar. Houve em família que chegar a consensos sobre a melhor forma de levar a cabo este projeto. A tarefa não se revelou fácil e foi um processo que nos consumiu algum tempo. Contudo, foi sem dúvida uma excelente oportunidade para estarmos em família, em torno de um objetivo comum. No final, senti-mo-nos orgulhosos e agradecidos pela oportunidade que este desafio nos proporcionou.

Desafio cumprido!

Família Maria Francisca Borges

Sendo o Colégio Valsassina uma escola laica aberta ao mundo e à diversidade cultural, decidimos ao longo do terceiro período, trabalhar as casas de todo o mundo com o objectivo de sensibilizar as crianças para o mundo que as rodeia tendo em conta as diferenças de clima, raças e tradições culturais.

Acreditamos que este projeto foi ao encontro do ideal da Nossa Escola, como está referido no livro “Colégio Valsassina, uma história com mais de cem anos”:

“Prosseguimos assim, e desde sempre, um ideal que procura compatibilizar as diferenças individuais com a vida em sociedade por isso, promovemos uma educação para a diferença, uma educação para a mudança, uma educação globalizante.”

Frederico Valsassina Heitor



EM DESTAQUE

Da abertura ao transcendente ao compromisso com a vida

Paulo Vitória Professor de Educação Moral e Religiosa

"Escolhi religião pois aqui falamos abertamente sobre tudo. As aulas permitem trocar ideias, dialogar uns com os outros, aprendendo verdadeiramente algo. Em religião, ao contrário do que se poderia pensar, não nos focamos só na religião em si, mas abrimo-nos a uma série de assuntos atuais e importantes para nós."

Duarte 11.º 1A

"Nas aulas de EMRC sinto-me bem. Nesta disciplina estamos atentos e pensamos nas coisas boas e menos boas da sociedade atual. Ajuda-nos a crescer descobrindo como nos relacionar com os outros e com nós próprios."

Madalena P. 8.º D

"Porque aprendemos a ser mais bondosos."

Mariana, 2.º A

A questão de Deus é uma questão humana fundamental. Todas as pessoas, de diversas formas, mais tarde ou mais cedo, questionam a sua existência e o sentido das suas vidas. Qual a origem de todas as coisas? Qual a origem do bem e do mal? Qual o sentido e o fim da vida? O que há para além da morte? E nestas interrogações profundas surge a pergunta acerca da existência de Deus.

Entendendo a procura da Divindade, do Sagrado, como uma realidade humana e universal, considera-se que o ser humano tem uma dimensão religiosa. Ao estar sujeito às mais variadas situações existenciais, procura respostas para as suas necessidades e fragilidades, como a doença, a experiência do sofrimento, a finitude, a ausência de sentido... Ou como a experiência do encontro, da verdade, ou da felicidade.

A impossibilidade de demonstrar cientificamente a existência ou a não existência de Deus não implica que não haja razões que possam sustentar esta crença. Deus não é nenhuma hipótese absurda ou irracional e muitos foram aqueles que, à luz da razão e/ou fé, o fizeram. Talvez se pudéssemos compreender Deus totalmente, ele deixaria de ser Deus e passaria a ser um objeto limitado do mundo em que vivemos.

Mesmo não sendo crentes e praticantes de uma qualquer religião, na sua formação, os alunos escolhem pensar a dimensão religiosa.

Razões contrárias podem ser apresentadas, mas todas confluem numa procura de um compromisso com a vida, seja num sentido individual, seja num sentido coletivo.

"Inscrevi-me em moral para conhecer melhor as outras religiões." Joana 9.º A

"Eu escolhi religião porque quero saber mais sobre Deus e as várias religiões." Sofia 5.º A

"Eu escolhi religião porque é um tema muito interessante e gosto de paz." Duarte 5.º A

"Escolhi a religião pois sempre segui Jesus." Vera 5.º A

"Eu acredito em Deus e por isso sinto alegria." António 3.º A

"As aulas de Religião não são só aulas de História porque, ao aprender o que Jesus fez, eu sei melhor como ter mais bondade." Henrique F. 3.º A

"Gosto da Religião porque a Bíblia, apesar de ter alguma ficção, conta-nos a História e porque acho que a Religião faz parte da nossa vida para nos esforçarmos e aprendermos a ser bons." Sara 3.º A

"É uma atividade divertida em que aprendemos como era a vida no passado, no tempo de Jesus; o que eles faziam." Leonor 2.º A

"Gosto das aulas de Religião porque nos faz pensar em coisas boas e bonitas." Leonor 1.º B

Visita à Casa Fernando Pessoa – «A Máquina do Devaneio»

Paula Gonçalves Professora de Português



No dia 4 de maio de 2018, as turmas 2 e 3 do 12.º ano realizaram uma visita de estudo à Casa Fernando Pessoa, com o objetivo de incentivar os alunos a aprofundarem os seus conhecimentos pessoais e a aplicarem as aprendizagens adquiridas em aula.

Ultrapassar os limites físicos da sala estimula a vivência e a partilha em grupo, assim como a descoberta de competências próprias. Abrir a escola ao mundo, para além de diversificar a rotina escolar, permite que os alunos sejam protagonistas do seu próprio conhecimento e vivenciem o que aprenderam de uma forma mais ativa.

Estas atividades possibilitam a criação de uma visão própria e mais ampla do mundo.

Ao entrarmos no quarto de Fernando Pessoa, onde o mesmo viveu, tivemos a possibilidade de imergir na sua realidade e na dos seus heterónimos. Assim, o autor de *Mensagem* deixa de ser um conceito adquirido em aula, passando a algo físico e real.

A atividade que mais nos aproximou do poeta e da sua época foi, efetivamente, a oportunidade única de experienciar o passado através do presente – a máquina de escrever de Fernando Pessoa. De facto, “Primeiro estranha-se, depois entranha-se.”

Constança Gomes, Madalena Pimentel, Inês Rodrigues e Luísa Santos 12.º 3

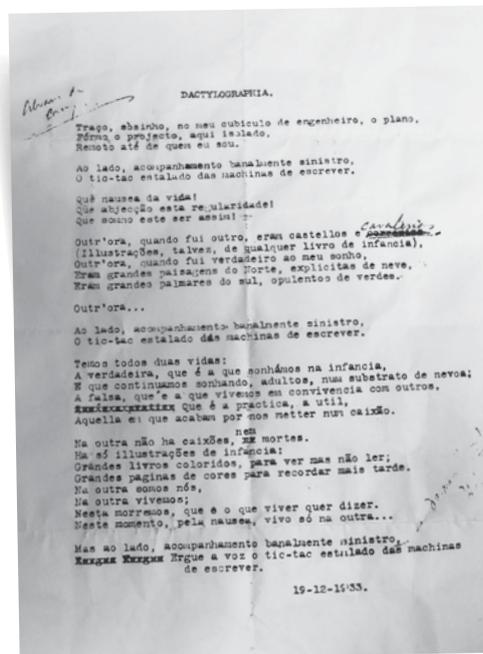
No dia 4 de maio entrámos no mundo de Fernando Pessoa através da atividade “A Máquina do Devaneio”. Esta atividade estava em desenvolvimento e nós fomos a turma experimental que teve o privilégio de a vivenciar.

Inicialmente, fomos enquadrados na época do poeta através de uma breve apresentação dos diversos acontecimentos históricos.

Em seguida, foi-nos proposto executar um dos grandes hábitos de Pessoa: andar com um papel no bolso para apontar palavras resultantes das deambulações pela cidade de Lisboa. “Não há diferença entre mim e as ruas para o lado da Alfândega, salvo elas serem ruas e eu ser alma.”

O facto de nos ser inculcado este hábito pessoano tornou-nos mais próximos da sua maneira de escrever e criar, como se tivéssemos passado um dia com ele.

Mafalda Charepe e Manuel Sousa 12.º 2



EDUCAR PARA o gosto pela leitura

Entrevista com o escritor Nuno Camarneiro

Entrevista realizada pelos alunos da turma 11.º 1A e 10.º 2



Nuno Camarneiro nasceu na Figueira da Foz em 1977. Licenciou-se em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra, trabalhou no CERN e doutorou-se em Ciência Aplicada ao Património Cultural pela Universidade de Florença. Atualmente desenvolve a sua investigação na Universidade de Aveiro e é docente no Departamento, de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense. Em 2011 publicou o seu primeiro romance, *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*, saudado pela crítica, publicado também no Brasil e em França. Foi o primeiro autor escolhido pela Biblioteca Municipal de Oeiras para participar no Festival do Primeiro Romance de Chambéry, em França. Publicou um texto na prestigiada *Nouvelle Revue Française* na rubrica *Un mot d'ailleurs* e tem diversos contos em revistas nacionais e estrangeiras. Em 2012 venceu o Prémio Leya com o romance *Debaixo de Algum Céu*, já traduzido em italiano e brevemente em francês. Mantém, desde 2009, o blogue “Acordar um Dia”, no qual tem vindo a publicar a sua poesia e micronarrativa.

No dia 27 de abril, estive no Colégio Valsassina para uma sessão com alunos do secundário. Foi uma oportunidade para conhecer um pouco mais este autor.

“... a leitura faz os leitores mais bonitos e o mundo um pouco menos feio.”

O que representa para si escrever?

Escrever é ao mesmo tempo um dom, uma missão e um grande prazer. Ajuda-me a conhecer mais do mundo, dos outros e de mim mesmo, e é um trabalho sem fim, estamos sempre à procura de escrever o livro perfeito. Ou, pelo menos, um livro um pouco melhor.

De onde vem o seu interesse pela escrita?

De onde normalmente vem sempre: da leitura, da magia de ver, pensar e imaginar pelas palavras de outra pessoa.

Quando escreve tem em mente passar uma mensagem aos seus leitores ou escreve para se aliviar do peso das ideias na sua mente?

Não procuro passar mensagens, apenas perguntas, curiosidades, dúvidas e alguns deslumbramentos.

No seu livro *No meu peito não cabem pássaros* faz referência a três grandes escritores, Fernando Pessoa, Franz Kafka e Jorge Luís Borges. Qual é o propósito dessa referência? Tem como objetivo mostrar a influência que estes autores tiveram no seu percurso de escrita, ou está relacionado com outro aspeto?

O primeiro livro foi escrito sem que eu soubesse ainda como se fazia um romance. Achei que o melhor e mais profícuo seria perguntar a quem sabe, a alguns dos autores que mais admirava e ainda admiro. Por isso os convoquei e fiz deles personagens do meu livro.

As três personagens principais do seu livro *No Meu Peito Não Cabem Pássaros* são baseadas em escritores que o influenciaram. Apesar de serem inspiradas nesses grandes nomes, os caminhos de Jorge, Fernando e Karl são, em algum aspeto, parecidos com o seu?

O caminho para a escrita é diferente para cada escritor, mas haverá sempre pontos de contacto. A tentativa de fazer algo novo e diferente, de trans-

formar angústias e dúvidas em matéria literária, o prazer quase infantil de inventar uma história.

Em que medida é que a sua paixão pela Engenharia Física, uma ciência exata, complementa a paixão pela escrita, algo mais abstrato? Considera que estas duas áreas são totalmente distintas ou têm mais em comum do que aparentemente vemos?

Têm muito de diferente entre elas, mas há alguns pontos de contacto, partem as duas de uma grande curiosidade, as duas são um exercício de procura e ambas exercitam a imaginação.

Para si, a escrita é como um porto seguro ou deixa a descoberto o que não revelaria sem ser a escrever?

Estranhamente, é um pouco das duas, sinto que posso confiar tudo aos meus livros, mesmo o que não revelaria fora deles. Os livros são sempre uma mistura do que nos vai dentro e do que vemos e imaginamos e só o autor tem a chave para decifrar essa trama tecida no íntimo.

Qual foi a crítica que mais o marcou? Porquê?

As críticas públicas são importantes, mas as que mais me marcaram foram as privadas, feitas por ami-

gos e familiares. Afinal vêm de quem mais importa.

Quais os livros que o marcaram? Que escritores tem como referência?

Os autores que usei no meu primeiro livro são uma pequena amostra, mas há muitos, muitos mais. Italo Calvino, Cortázar, Saramago, Cesarinny, Eça de Queiroz, Tolstoy, etc, etc...

Há algum tema sobre o qual mais goste de ler?

Todos os temas me interessam potencialmente, desde que o livro seja bem escrito.

Como incentivar as pessoas a ler e a escrever mais?

O único incentivo à leitura deveria ser o prazer que se obtém durante o seu exercício, alguns descobrem-no cedo e nunca mais o largam, outros demoram a descobrir esse prazer. Talvez devêssemos dizer simplesmente que a leitura faz os leitores mais bonitos e o mundo um pouco menos feio.

Tem alguma palavra portuguesa preferida?

A língua portuguesa tem muitas palavras maravilhosas, a minha preferida talvez seja nefelibata – Pessoa que anda nas nuvens.



EDUCAR PARA a história e para a reflexão

Entrevista com António Luís Marinho

Entrevista realizada pelos alunos Diogo Campos (10.º 2), João Bernardo (10.º 2), Pedro Oliveira (10.º 2), Beatriz Barroca (10.º 2), João Silva (10.º 2), Patrícia Marques (11.º 3) e Rita Cabral (11.º 3)

António Luís Marinho é jornalista desde 1981. Trabalhou em todos os géneros da comunicação social: imprensa, rádio e televisão. Foi diretor de informação, em períodos diferentes, da Agência de Informação Lusa, da Rádio Pública, Antena 1 e da RTP. Foi coautor com Joana Pontes, da série de 13 documentários televisivos intitulada *Século XX português*, emitida na SIC em 2001. Autor de *Operação Mar Verde – Um documento para a história e 1961 – o Ano Horrível de Salazar*, e coautor, com Mário Carneiro, de 1974 – *O ano em que começou Abril, 1975 – O ano em que terminou Novembro e Portugal à Lei da Bala, Terrorismo e Violência no século XX*. Foi na âmbito deste último livro que esteve no Colégio Valsassina para uma sessão para os alunos dos Cursos de Ciências Socioeconómicas e de Línguas e Humanidades do secundário. Foi uma oportunidade para conhecer um pouco mais este jornalista e autor.

"... A censura foi uma das armas mais fortes da ditadura. Pode-se dizer que a resistência cultural, estando na segunda linha, constitui um fortíssimo elo de ligação social, decisivo no despertar de consciências."



Enquanto escritor, o que lhe despertou o interesse pelo tema do terror político, patente em *Portugal à lei da bala*?

O tema da violência política e do terrorismo está, infelizmente, na ordem do dia.

Daí a ideia de fazer uma resenha histórica desse fenómeno, em Portugal, ao longo do século XX, uma vez que, felizmente, no século XXI não se registaram eventos desse tipo no nosso país.

Ao longo da sessão, levantou a questão da legitimidade da violência política. Do seu ponto de vista, existe alguma justificação para uma situação de terror político?

Se a violência política pode encontrar legitimidade em situações extremas, já o terrorismo, na minha opinião, nunca é justificável.

A título de curiosidade sobre a vertente histórico-política de Portugal, é-lhe possível apontar semelhanças entre a classe política do Estado Novo e a classe política atual?

Falamos de duas realidades políticas muito distintas e, mesmo, antagónicas: um regime ditatorial e um regime democrático. Por isso, falamos de classes políticas completamente diferentes. A classe política atual, com todas as qualidades e defeitos, exerce cargos para que foi livremente eleita, ao mesmo tempo que a sua actividade é escrutinada. Nada disto acontecia no regime deposto em 25 de abril de 1974.

Que importância considera que teve a resistência à ditadura na alteração do papel das mulheres na nossa sociedade?

As mulheres conquistaram a pulso o lugar que lhes compete na sociedade, ainda incompleto nos nossos dias. A mudança de regime trouxe a restituição dos direitos que lhe estavam vedados. Desta forma, o papel importante que desempenharam na resistência à ditadura deu frutos, embora a sua luta pela total igualdade de direitos ainda não tenha terminado.

Do seu ponto de vista, que país se aproxima atualmente mais de um regime ditatorial ou de uma política de terror na União Europeia? Corremos o risco de regredir em termos democráticos?

Do meu ponto de vista, os países da União Europeia não correm, no curto prazo, esses riscos. No entanto, o fenómeno populista cresce em vários desses países, como a França ou a Itália, por exemplo, o que significa uma regressão óbvia da democracia. Aliás, a crescente desconfiança nos políticos, a corrupção associada ao exercício da política, estão a gerar uma perigosa erosão do sistema político que pode, a médio prazo, colocar em risco a própria democracia.

A palavra de resistência, ainda que muitas vezes disfarçada, foi um modo de combate às ditaduras. Que importância atribui às músicas de resistência, às músicas de cariz político, como modo de fazer face aos regimes opressores?

A resistência pela palavra e pela música desempenhou um papel muito importante no combate à ditadura que, por seu turno, as combateu duramente. A censura foi uma das armas mais fortes da ditadura. Pode-se dizer que a resistência cultural, estando na segunda linha, constitui um fortíssimo elo de ligação social, decisivo no despertar de consciências.

Com frequência constatamos que há uma reduzida participação cívica dos jovens em alguns processos, como, por exemplo, durante certas eleições. Será uma forma de “punir” a classe política ou um sinal do desinteresse e afastamento dos jovens em assumir uma participação ativa na sociedade?

O que se verifica é que a forma como a atividade política se desenrola atualmente está a afastar gradualmente os jovens. Este é uma das maiores e mais perigosas doenças da nossa democracia. De facto, a ideia que passa para a maioria dos jovens é a de que quem está na política apenas zela pelos seus interesses pessoais ou do seu grupo, em vez de realizar a essência da política e o seu fim último: garantir o bem comum.

É esta verdadeira utopia que devemos prosseguir, encontrando os meios adequados para a atingir.

Como se pode mudar este cenário? Qual deve ser o papel da Escola?

É na escola, sem dúvida, que o verdadeiro gosto pela política se pode e deve desenvolver. Desde logo, pela transmissão de conhecimento, pelo apelo ao acompanhamento dos temas da atualidade, pelo fomento do debate de ideias e pela participação cívica.

A Escola deve constituir-se como um impulsionador da participação na vida pública.

“A Escola deve constituir-se como um impulsionador da participação na vida pública.”



EDUCAR PARA as Artes e para a criatividade

Sardinhas de Lisboa

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

5 Alunos do Colégio premiados no Concurso Sardinhas PSP/EGEAC 2018

Parabéns a todos pelos trabalhos e empenho.

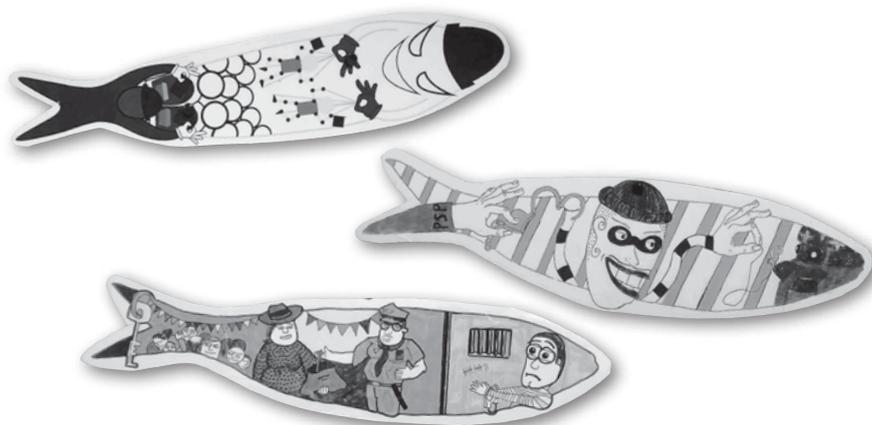


Ilustrações de sardinhas dos alunos do 9.º A, 10.º, 11.º e 12.º ano de Artes Visuais.

Ao ter conhecimento do regulamento do “Concurso Sardinhas PSP/EGEAC 2018”, lancei o desafio a todos aos meus alunos. Da disciplina de Educação Visual à de Desenho A, os conteúdos programáticos trabalhados foram diversos assim como as propostas apresentadas pelos alunos.

O “Concurso Sardinhas PSP/EGEAC 2018” é um concurso inserido na temática das Festas de Lisboa 2018 e tem como objetivo principal divulgar conselhos de segurança e prevenção criminal a todos os lisboetas e visitantes que participam nas referidas festas populares.

O concurso destinou-se a todos os alunos, dos ensinos Básico, Secundário e Superior dos estabelecimentos de ensino da área metropolitana de Lisboa.



As sardinhas dos alunos **João Alves**, **Gonçalo Brito** e **Rodrigo Barrote**, são as 3 premiadas na categoria do Ensino Secundário.

“Gostei deste desafio por ser diferente, ilustrar um dos conselhos de segurança e prevenção, num formato de uma sardinha, foi algo desafiante.

O mais gratificante é ver o resultado final, as pessoas a entenderem a minha ilustração, e apreciarem, e isso dá-me um prazer enorme.”

João Alves aluno do 11.º ano, de Artes Visuais

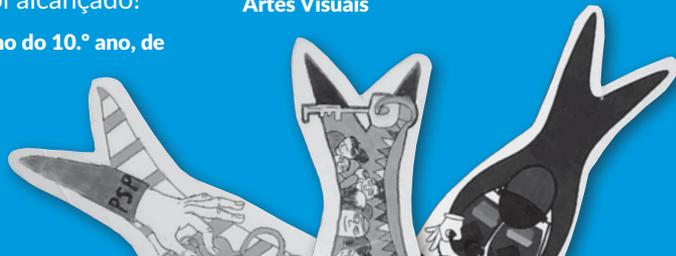
“Desde que a professora de Desenho nos desafiou em aula, para participarmos com uma ilustração no concurso, marquei como objetivo fazer uma sardinha vencedora.

O objetivo foi alcançado!”

Gonçalo Brito aluno do 10.º ano, de Artes Visuais

“Ver o meu trabalho reconhecido no exterior, conseguir chegar ao pódio e representar o Colégio, deixa-me bastante satisfeito.”

Rodrigo Barrote aluno do 10.º ano, de Artes Visuais

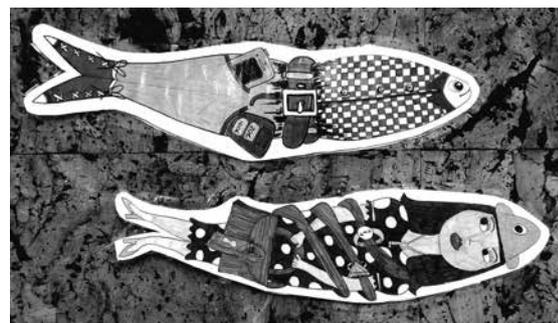




As 5 sardinhas premiadas em 2018.

“Quando a professora na disciplina de Educação Visual nos lançou o desafio de criação de uma sardinha que cumprisse todos os requisitos da PSP, entrei em pânico, não tinha quaisquer ideias, mas apesar de tudo achei o desafio interessante, pois tínhamos de transmitir uma medida de segurança através de uma sardinha de forma simples e criativa. Ao refletir um pouco mais e fazendo alguns esboços, as ideias começaram a surgir! A professora Sofia Caranova mostrou-se muito disponível para ajudar a cumprir o objetivo e, como tal, o resultado do desenho foi muito positivo. Até no geral, todos os desenhos que vi dos meus colegas estavam muito bem feitos e criativos, acho que cumrimos todos o desafio e merecíamos todos um prémio pelo nosso esforço!”

Maria Inês Caldeira 9.º A



As sardinhas das alunas **Maria Inês Caldeira** e **Marta Maurício** são 2 das premiadas na categoria do Ensino Básico.

Quando a professora Sofia nos propôs este desafio, eu não estava muito confiante, mas tal como todos os outros trabalhos decidi aceitá-lo e dar o meu melhor.

O desafio agradou-me bastante, pois achei que transmitir os conselhos da PSP num desenho era uma ideia muito criativa.

Ao pensar em como poderia fazê-lo e com a ajuda da professora, consegui cumprir o objetivo e ver o resultado final e isso deixou-me muito satisfeita.

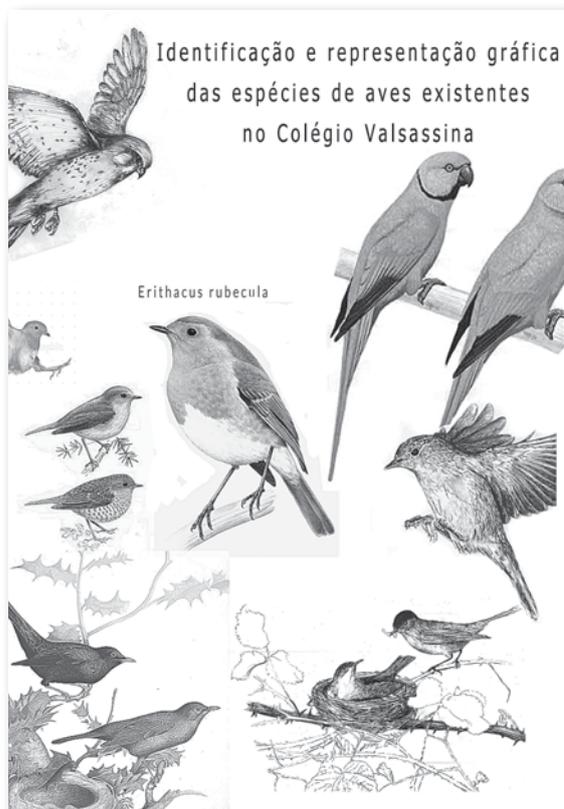
Contudo, não pensei que poderia ganhar um prémio, mas fiquei bastante feliz quando tal aconteceu, pois senti que o trabalho que tinha sido investido tinha sido recompensado.

Adorei participar neste concurso juntamente com os meus colegas e saber que eu e uma colega minha ganhámos deixou-me orgulhosa do nosso trabalho.

Valeu totalmente a pena a participação e, se pudesse participaria de novo!

Marta Maurício 9.º A

Projeto interdisciplinar Biologia e Desenho A



Cartaz de divulgação da atividade.

A identificação e caracterização das aves que habitam no espaço da quinta do Colégio foi feita na disciplina de Biologia. Posteriormente, após uma pesquisa exaustiva de imagens que ilustrassem de perto o conjunto de características de cada espécie, os alunos do 10º ao 12º ano, desenvolveram nas aulas de Desenho A exercícios de desenho de observação. O desenho foi explorado nesta atividade como forma de olhar, entender e comunicar, através de uma representação atenta e objetiva.

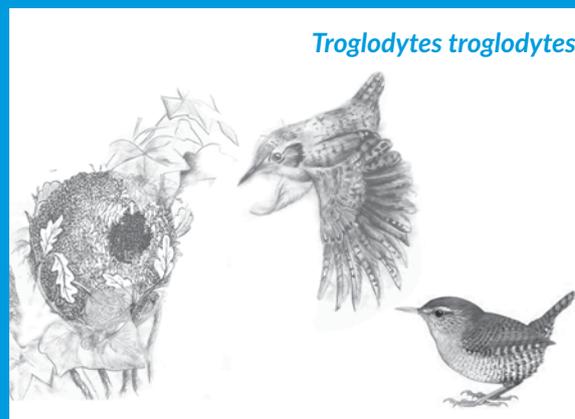
É um enorme prazer assistir à evolução dos alunos, mais rápida do que se pode pensar, das suas competências e sensibilidades.

Depois de se aprender a olhar para o que nos rodeia através dos olhos do desenho, pois aprender a desenhar é mais aprender a ver do que a saber manipular um lápis ou qualquer outro material, a nossa percepção do que vemos nunca mais volta a ser a mesma.

“É um enorme prazer assistir à evolução dos alunos, mais rápida do que se pode pensar, das suas competências e sensibilidades.”

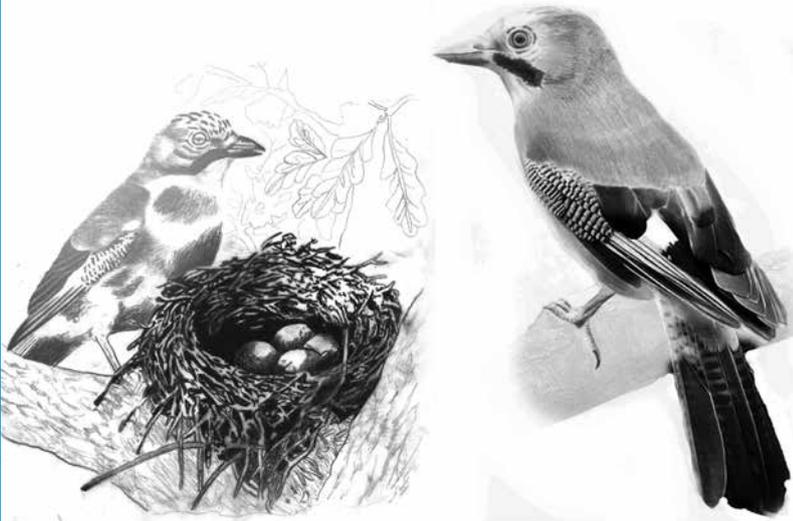


Turdus merula

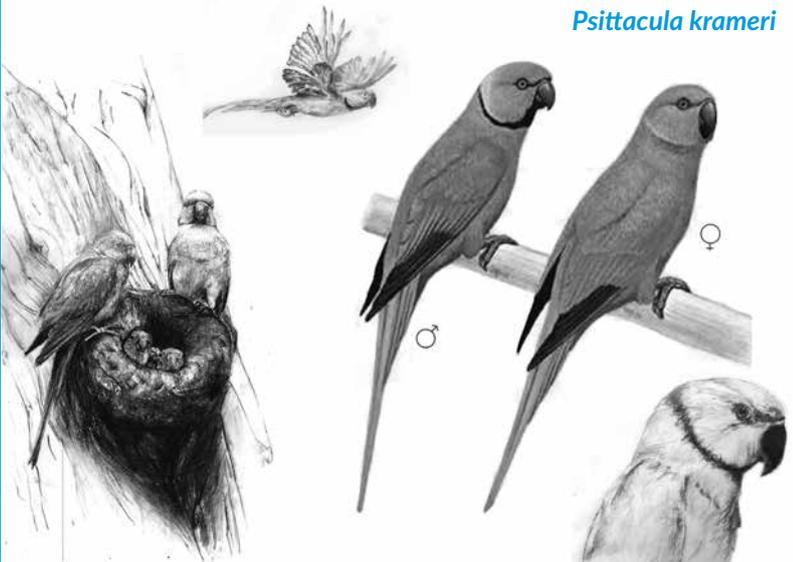


Troglodytes troglodytes

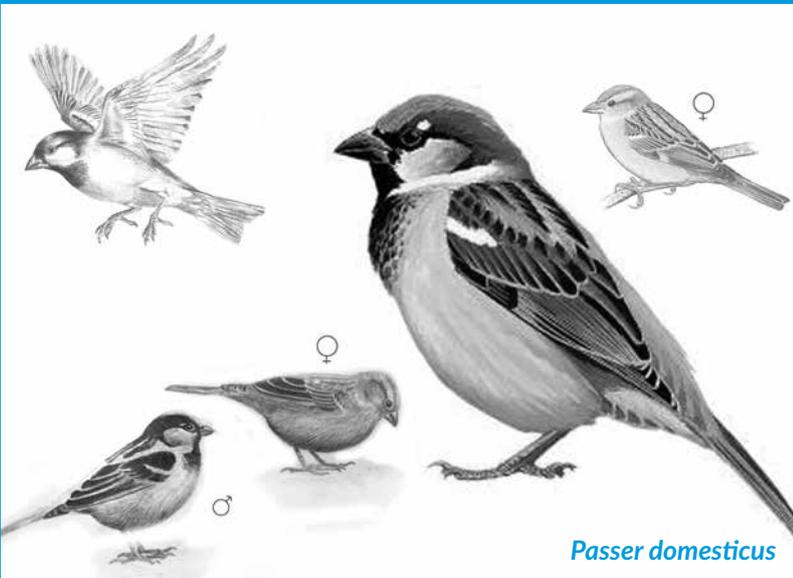
Garrulus glandarius



Psittacula krameri



Processo de trabalho em aula.



Passer domesticus



Nome Comum: Pardal-comum
Espécie *Passer domesticus*,
trabalho de **Raquel Semião**
10.º 4

Nome Comum: Pisco-de-peito-ruivo
Espécie *Erithacus rubecula*, trabalho de
Mariana Reis 10.º 4

EDUCAR PARA a ciência e tecnologia

O desafio de construir e lançar um microsatélite

André Girbal Santos 12.º1B, Guilherme Almeida 12.º1B, Bernardo Alves 12.º1A, Francisco Alves 12.º1A, Berke Santos 11.º1A e Pedro Jorge Professor de Física

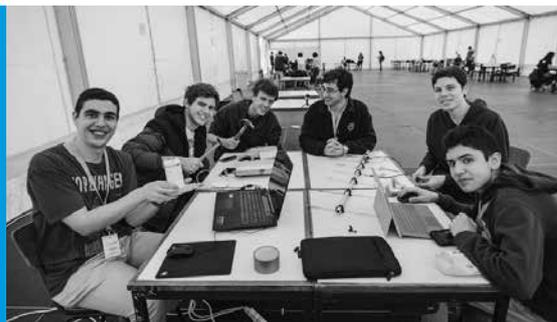
Alunos do Colégio Valsassina conquistam o 2.º lugar na competição CanSat 2018



Membros da Equipa Satfree - da esquerda para a direita, **Bernardo Alves**, **Guilherme Almeida**, **Berke Duarte Santos**, Professor **Pedro Jorge**, **André Girbal Santos** e **Francisco Alves**.



A equipa SatFree, constituída por alunos do 11º e 12º anos do Colégio Valsassina, participou na Competição CanSat 2018, que se realizou na Ilha de Santa Maria, nos Açores, de 26 a 29 de abril, tendo ficado no 2º lugar do pódio.



Equipa na sua estação de trabalho, Açores.



Apresentação Final da equipa Satfree - Açores,

Desde o início deste ano letivo, os alunos **André Girbal Santos** (12º 1B), **Berke Duarte Santos** (11º 1A), **Bernardo Alves** (12º 1A) **Francisco Alves** (12º 1A) e **Guilherme Almeida** (12º 1B), coordenados pelo Professor de Física e Química, **Pedro Jorge**, empenharam-se para dar corpo a mais um projeto que interligou com sucesso conceitos de Física e de Biologia.

A competição CanSat, promovida pela Agência Ciência Viva, pela ESA (Agência Espacial Europeia), pelo ESERO (Gabinete da ESA para a Educação) e patrocinada por diversas entidades, entre as quais o Governo Regional dos Açores, a Edisoft e a SATA, foi este ano dinamizada pela quinta vez. Nesta competição, os alunos foram desafiados a conceber e construir um pequeno satélite ("Sat"), com a forma e dimensões de uma lata de refrigerante ("Can"), que foi lançado de uma altitude de 1000 metros, munido de um para-quedas igualmente concebido pelas equipas, por forma a assegurar uma velocidade adequada durante a descida. Cada equipa teve que cumprir duas missões: a **missão primária**, comum a todas as equipas, que consistiu na transmissão de dados referentes a temperatura e pressão atmosférica, a cada segundo, por telemetria, do CanSat para a Ground Station; e a **missão secundária**, que foi definida por cada equipa, de acordo com o seu projeto.

Este ano, foram 39 as equipas que inicialmente concorreram à quinta edição do CanSat, sendo que apenas 16 conseguiram chegar à final nacional. A SatFree teve o privilégio de ser uma das equipas finalistas e,

abraçando este desafio pelo segundo ano consecutivo, definiu uma **missão secundária** com duas componentes: por um lado, a conceção de um trem de aterragem inovador e estritamente mecânico e, por outro, a avaliação do comportamento das *Drosófilas* (vulgarmente conhecidas como moscas da fruta), quando expostas a uma aceleração elevada.

Relativamente ao trem de aterragem, este era ativado por ação do para-quedas ao insuflar-se, e, por ser estritamente mecânico, apresentou a vantagem de ser imune a eventuais falhas do foro elétrico, assegurando uma aterragem na posição vertical, protegendo, assim, o conteúdo mais frágil que se encontrava no interior do módulo.

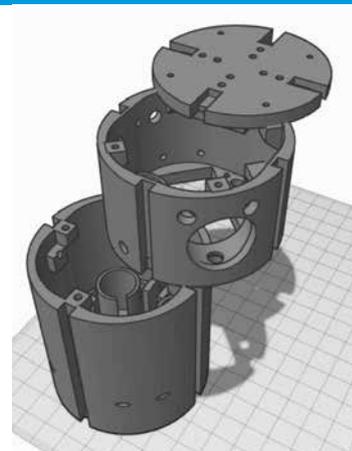
A componente da missão secundária relacionada com a observação do comportamento das *Drosófilas* incluiu a elaboração de estudos prévios, realizados em laboratório, com a colaboração do Dr. Pedro Prudêncio, do Instituto de Medicina Molecular. Esta fase preliminar foi muito importante para o projeto, pois permitiu definir os resultados esperados. O interesse no estudo do comportamento destes seres em condições adversas advém do facto de serem considerados bastante resistentes e, consequentemente, como eventuais pioneiros em situações de colonização.

O CanSat 2018 levou a equipa SatFree à Ilha de Santa Maria onde, durante 4 dias, o ambiente de grande entusiasmo, companheirismo e entreajudia se sobrepôs ao propósito competitivo desta

iniciativa. Durante este período, os alunos realizaram uma apresentação inicial ao júri, um lançamento de teste (a 300 metros de altitude), um lançamento final (a 1000 metros de altitude) e uma apresentação final versando sobre os resultados obtidos e a respetiva análise. Houve ainda lugar à realização de visitas ao Centro de Treino da SATA e à Estação de Tracking da ESA.

Para grande satisfação de todos, o desempenho da equipa correspondeu às suas expectativas: no âmbito do lançamento final, o módulo foi recuperado intacto e o trem de aterragem funcionou plenamente. Quanto ao comportamento das *Drosófilas*, constatou-se que, quando sujeitas às condições de voo previstas, reagiram mostrando-se mais agitadas, tendo sobrevivido, conforme esperado e de acordo com os testes realizados em laboratório.

O empenho da equipa do Colégio Valsassina e os resultados do seu trabalho foram reconhecidos pelo júri da competição, que lhe atribuiu o 2.º lugar. Para além da inesquecível experiência e de todas as aprendizagens que os alunos realizaram no âmbito do projeto, receberam ainda, como prémio, um estágio de 9 dias na estação de rastreio da Agência Espacial Europeia localizada na Ilha de Santa Maria.



Design do CanSat

Ciência 2018

A equipa foi ainda convidada pela Agência Ciência Viva para realizar uma apresentação e expor o seu projeto no âmbito do encontro *Ciência 2018*, que terá lugar em Lisboa, de 2 a 4 de julho, e que reunirá investigadores, empresários e público de todo o país. Esta conferência reúne anualmente investigadores portugueses, bem como representantes do sector empresarial e elementos do público em geral, tendo como base os 17 *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*, e visa *debat*er sobre a conceção do 9º Programa Quadro Europeu para a Investigação e Inovação, 2021-2028.

A apresentação da Satfree divulgará o trabalho da equipa enquanto projeto de investigação, com todas as vantagens que tal aporta para os alunos, na medida em que lhes permite desenvolver competências diversificadas, não só relativas ao conhecimento científico – como sejam a execução e *management* de uma atividade de investigação completa e estruturada – como também no que concerne às competências transversais de traba-

lho em equipa, de organização do trabalho por objetivos ou a capacidade de resolução de problemas.

Para a equipa Satfree, a participação na competição CanSat revelou-se e continua a revelar-se uma experiência extremamente enriquecedora, quer do ponto de vista académico, quer do ponto de vista pessoal, não só devido ao seu carácter prático, como também porque extravasa amplamente os limites do currículo académico e continua a proporcionar aos alunos vivências no âmbito das instituições ligadas à Ciência e à dinamização e divulgação da cultura científica no nosso país.

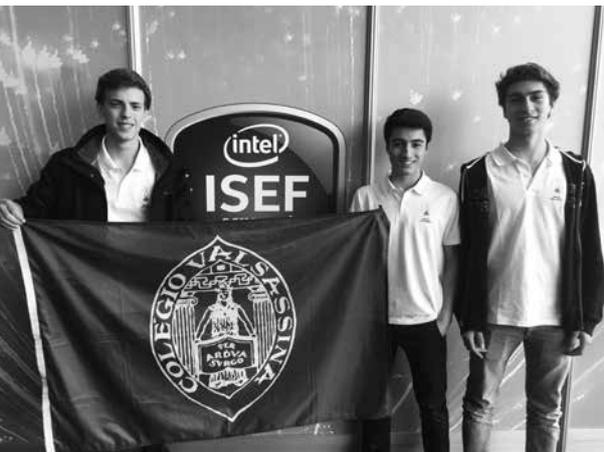


Receção do Prémio de 2º lugar da Competição.

EM DESTAQUE

Alunos do Valsassina apresentaram trabalho de ciência na INTEL ISEF 2018, nos EUA

João Gomes Professor de Biologia



The Intel International Science and Engineering Fair (Intel ISEF), a program of Society for Science & the Public (the Society), is the world's largest international pre-college science competition.

São cerca de 7 milhões de estudantes do ensino secundário que, anualmente, e a nível mundial, competem em feiras regionais e nacionais de ciências, com o objetivo de serem apurados para a Intel ISEF. Em Portugal, é a Fundação da Juventude que promove todos os anos o Concurso de Jovens Cientistas, a partir do qual muitos jovens atingem a possibilidade de mostrar o seu trabalho a nível internacional, na maior e mais prestigiada feira de ciência mundial.

Esta Feira surgiu há 59 anos por iniciativa da Society for Science & the Public, uma das mais respeitadas organizações sem fins lucrativos em prol da ciência. Desde 1996 conta com a Intel Corporation como patrocinador oficial, o qual contribui com milhões de dólares para o desenvolvimento e promoção da competição.

Na Mostra Nacional de Ciência de 2017 os alunos **Afonso Mota**, **Bernardo Alves** e **João Leal** (na altura estavam a frequentar o 11.º ano, na turma 1A) foram distinguidos com dois prémios: Prémio Agência Portuguesa do Ambiente (melhor projeto na área do Ambiente) e Prémio Participação Internacional na Intel Isef 2018. Foi assim que, no dia 12 de maio, partiram para Pittsburgh, Pennsylvania, de modo a apresentar o seu trabalho desenvolvido na disciplina de biologia (11.º e 12.º ano), "Assessment of the levels of mercury in students aged 12 to 18".

Abstract

Human beings are exposed to mercury every day, either through their domestic or work environment. In 2017, a study was developed which assessed mercury contamination in a group of students, through the analysis of the levels of this element in human hair. Other products were also analyzed (food; hygiene and cosmetic products; office supplies).

The process of retrieving biologic samples was approved by the school's Pedagogic Administration and the Nacional Commission for Data Protection. All the data was coded and studied anonymously. The sample was composed by 75 individuals, between 12 and 18 years old, with an average age of 14.76 years.

The experimental protocol followed the recommendations from the international project COPHES.

The technique utilized to quantify the level of mercury in the samples was direct thermal decomposition, through the analyzer NIC MA-3000. 82 samples of hair were examined, which revealed an average concentration of $1150,10 \pm 685,34 \text{ ng g}^{-1}$ of mercury.

According to the US EPA, the maximum safe level is around 1000 ng g^{-1} , and concentrations above this pose a risk to human health. Comparatively, 46% of the studied population have higher levels of this component. When compared to WHO's reference value, 2000 ng g^{-1} , 11.42% possess higher concentrations.

The studied products also revealed concerningly elevated levels of this compound (food: $n=43$, average of 95 ng g^{-1} ; hygiene and cosmetic products: $n=48$, average of 0.39 ng g^{-1} ; office supplies: $n=4$, average of 3.93 ng g^{-1}).

Entre os dias 12 e 19 de Maio de 2018 tive o privilégio de participar na INTEL ISEF em Pittsburgh, Pensilvânia, a maior feira científica do mundo para jovens.

Foi sem dúvida uma experiência muito enriquecedora para mim a diversos níveis. Por um lado, foi muito gratificante contactar com pessoas provenientes de todos os continentes do mundo, com diferentes culturas e religiões. Por outro lado, constatar a qualidade dos trabalhos existente na feira serviu como uma aprendizagem enorme e, acima de tudo, como uma motivação para querer fazer ainda mais e melhor no nosso país.

Por fim, realço o crescimento pessoal que a presença nesta feira me trouxe, salientando os pontos mencionados anteriormente e o excelente espírito de grupo existente entre os membros da comitiva portuguesa, não esquecendo a importância do meu professor João Gomes e dos meus colegas de grupo para a concretização desta participação.

João Leal 12.º 1A



81 países ou regiões e 1800 alunos. Foi neste cenário que os alunos do Valsassina estiveram inseridos para apresentar o seu projeto.

Os dias 13, 14 e 15 foram dedicados à montagem do stand e às rigorosas inspeções do júri. No dia 17 receberam o público e as escolas americanas, tendo passado pelo recinto da feira cerca de 15000 pessoas.

Para além da divulgação científica, o ambiente foi fantástico pelo contacto e partilha de experiências com jovens de todo o mundo. Apesar das diferenças culturais e religiosas, são muitos os elementos que unem os 1800 jovens presentes nesta feira.

De modo a informar e sensibilizar a população em geral para o problema da exposição e contaminação por mercúrio, os alunos elaboraram o website: <http://escola.cvalsassina.pt/mercury/>

De 12 a 18 de maio a Fundação da Juventude e onze jovens cientistas, de quatro escolas nacionais, representaram Portugal na Intel ISEF, a maior Feira mundial de Ciência e Engenharia, realizada em Pittsburgh, Estados Unidos da América. Os quatro projetos apresentados foram 1 na área da Bioeconomia, 2 na área das Ciências do Ambiente e 1 na área da Física, tendo estes projetos sido selecionados no âmbito do 25º Concurso para Jovens Cientistas e na 11ª Mostra Nacional de Ciência em 2017.

Hoje, volvidos 25 anos da organização do Concurso para Jovens Cientistas, sabemos que este é um investimento com retorno garantido e que só é possível fruto do empenho de várias entidades da sociedade civil, pelo que em nome da Fundação da Juventude, venho felicitá-lo a si e aos alunos e professores que participaram na Intel ISEF 2018 por elevarem o nome de Portugal, colocando-nos entre os melhores ao nível da produção científica juvenil.

Francisco Maria Balsemão Presidente do Conselho de Administração da Fundação da Juventude

Carta enviada ao Director do Colégio Valsassina, 24 de maio de 2018

A participação na INTEL ISEF 2018 mudou a minha vida. Toda a experiência foi extremamente gratificante, e posso afirmar que foi, sem dúvida, a semana em que mais aprendi e evolui na minha vida.

Começo por destacar algo que esperava, mas que não deixou de me impressionar: a mera dimensão de toda a feira. É tudo numa escala diferente à que estamos habituados, desde o centro de convenções até ao número de participantes. E estes participantes vêm de todos os cantos do mundo, e estar em contacto com tanta diversidade de países, culturas e religiões foi também muito interessante, e conheci pessoas fantásticas que nunca esquecerei.

O que mais me fez crescer e o que mais destaco desta semana foi a partilha de experiências e as diferentes conversas que tive, seja com júris, finalistas ou professores. Foi uma oportunidade única e inesquecível!

Afonso Mota 12.º 1A

EDUCAR PARA a comunicação de ciência e para a criatividade

BD: Mercúrio, Um problema invisível

A presença de contaminantes ambientais no ar, água, alimentos e ambiente doméstico pode representar riscos significativos para a população humana. Para a Organização Mundial de Saúde o Mercúrio é um dos dez elementos ou grupos de elementos químicos que apresentam problemas especiais de saúde pública.



A população geral está exposta a mercúrio através da ingestão de alimentos contaminados (principalmente peixes predadores e marisco) e através da exposição a vários produtos de consumo que contêm mercúrio como por exemplo cosméticos, produtos de higiene e cuidados pessoal, detergentes e medicamentos.

Perante este problema os alunos **Afonso Mota**, **Bernardo Alves** e **João Leal**, da turma 12.º 1A desenvolveram um estudo onde avaliaram os níveis de contaminação de uma população de jovens entre os 12 e os 18 anos. Este estudo revelou-se inovador pois até à data não existiam outras investigações que envolvessem este escalonamento.

Como forma de comunicar o trabalho, de uma forma criativa e transversal a diferentes públicos, elaboraram uma história em Banda Desenhada. Todo o trabalho criativo e técnico foi da responsabilidade do aluno **Miguel Guerreiro** (12.º 1B) com a orientação da Professora de Artes Visuais, **Sofia Caranova**.

Apresentamos nesta edição da Gazeta uma parte do trabalho desenvolvido, o qual foi apresentado pela primeira vez na INTEL-ISEF, nos EUA, entre 12 e 18 de maio.

EDUCAR PARA a experimentação e para a divulgação científica

Trabalho submetido à 15ª edição do Congresso Internacional Hands-on Science, HSCI2018, que irá realizar-se em Barcelona (<http://www.hsci.info/hsci2018>)

Hands-on the bacteria: a journey to human microscopic flora

Irene Costa, Fátima Monteiro, Paula Ferreira e Mariana Marques Professoras do 1.º ciclo
Margarida Madureira e A. Duarte Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa

Abstract. In this work we present a set of experiments aimed at 4th year students to present them in a very playful way the world of microorganisms. More than hearing a lecture or watching a video, students have learned about bacteria in general and on their own particular bacteria handling and seeing these beings.

It is well known that directed discovery has positive effects on retention of information compared to traditional direct instruction. Thus, students are encouraged to play with bacteria making drawings with *Staphylococcus epidermidis* and to evaluate hand hygiene efficiency as the most important measure to avoid the transmission of harmful germs and prevent infections associated with health care.

Although some children were more successful washing their hands than others, at the end of the sessions everyone shouted: It is very important to wash hands !!!!

Scientific education at the earliest grades is supremely important, but in most classrooms it gets short shrift. One of the priorities of Colégio Valsassina (Lisboa private school) is to develop in the students competences in scientific areas that are transversal to other areas of knowledge, contributing to the development of the students' knowhow, scientific skills, observation and critical analysis of the results.

In this way a partnership between the Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa and Colégio Valsassina was established and the experiments reported on this paper were realized with

students from the 4th grade of the first cycle to introduce them into microorganism world and its impact in health.

These experiments intend to allow the students contact with concepts and materials in a very interactive way, based on the statement that learning by direct discovery is a major way to achieve knowledge. The lesson started with a short discussion about some theoretical concepts about microorganism world: "what are bacteria: good and bad bacteria" and "how bacteria grow in nature and in the laboratory". Then the students start performing the experiments.

Playing with bacteria

We propose several experiments to promote a first contact with bacteria, allowing the students to understand how bacteria grow in a laboratory. In an unusual and creative way, the children drawn on surface of a culture medium agar. Latter they "saw" their own hand bacteria and understand the relevance of hand hygiene to avoid the transmission of harmful germs.

The experiments have a 2 x 90 min duration.



Students of the 4th grade at Colégio Valsassina Laboratory.

EDUCAR COM as “mãos na massa”

Determinação do pH do solo

Pedro Alpuim, Nelma Pinheiro e Mariana Vasco Professores do 1.º ano

Um projeto realizado pelos alunos do 1.º ano

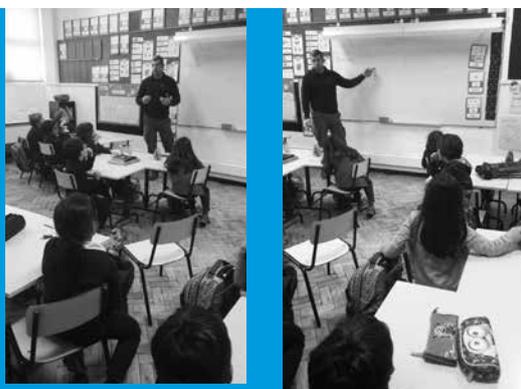
A realização de atividades experimentais contextualizadas é uma ferramenta muito eficaz para despertar o interesse dos alunos para a aquisição de aprendizagens significativas.

Este projeto surgiu devido às dificuldades que os alunos têm em estabelecer relações entre o potencial de hidrogénio e o seu quotidiano. Surgiu também da necessidade de fazer compreender o

que é o solo e as suas diferentes características.

De forma a simplificar a linguagem para os alunos do 1.º ano, o pH passou a ser uma simples escala de medida que os iria ajudar a verificar se o solo recolhido seria mais ácido ou mais básico.

Perante este desafio, contámos com a preciosa ajuda do nosso jardineiro Giovani, que acompanhou os alunos em duas das três fases do processo.



PRIMEIRA FASE

Exposição teórica

Realizou-se uma pequena “palestra” na sala de aula, realizada pelo Giovani que explicou aos alunos que existem diferentes espécies de plantas no nosso colégio e que nem todas se desenvolvem no mesmo tipo de solo. Explicou também que podemos medir o pH dos produtos que utilizamos em nossas casas, dando alguns exemplos.

SEGUNDA FASE

Plantação do jardim das acidófilas

O Giovani explicou aos alunos que, como o solo do nosso colégio tem características básicas, para poder plantar as acidófilas teria que misturar um tipo de solo com características mais ácidas, para que estas reunissem todas as condições essenciais para o seu salutar desenvolvimento.

Durante a visita os alunos recolheram amostras dos dois tipos de solo para posteriormente fazerem a análise em laboratório.



TERCEIRA FASE

Verificação do pH dos solos

Os nossos “pequenos cientistas” vestiram as suas batas e foram para o laboratório experimentar e tirar as suas conclusões.



EDUCAR PARA a promoção de literacia digital e para a resolução de problemas



“As aulas de programação são úteis porque, se formos trabalhar para uma empresa de computadores, já sabemos programar.”

Martim Canas 1.º A

“As aulas fazem pensar e aprendemos a programar.”

Gabriel Ferreira 1.º A

“Aprendemos a trabalhar a pares.”

Laura Xavier 1.º B

“Aprendemos o que são passwords.”

Pedro Santos 1.º B

“Faz-nos perceber as coisas que os computadores conseguem fazer e as coisas que os computadores não percebem.”

Madalena Carneiro 1.º C

“Quando vou à programação fico feliz porque há jogos.”

Rodrigo Luz 1.º C

Iniciação à Programação no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Um contributo para o desenvolvimento de capacidades associadas ao pensamento computacional e à literacia digital

Pedro Alpuim, Nelma Pinheiro e Mariana Vasco Professores do 1.º ciclo

Durante este ano letivo, os nossos alunos tiveram a oportunidade de ver integrado no seu currículo aulas de programação.

Numa “era” cada vez mais digital, a programação torna-se uma ferramenta cada vez mais importante para a estrutura do pensamento, para o desenvolvimento da criatividade, para melhorar a capacidade de comunicação...

Os alunos aprendem através da “tentativa e erro” e compreendem, que, de facto, errar faz parte da aprendizagem e que uma má comunicação pode comprometer toda uma tarefa.

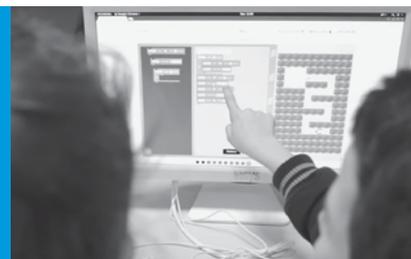
É muito gratificante, para nós, professores, acompanhar a evolução dos alunos com o decorrer das aulas e verificar que a dependência que eles tinham no início do ano se foi transformando em autonomia.

Verificámos também que o facto de trabalharem a pares os fortaleceu enquanto grupo e os tornou menos egocêntricos.

O seu pensamento foi ficando mais abstrato, o que desenvolveu o raciocínio lógico e a estruturação do pensamento.

As tarefas realizadas pelos alunos estiveram sempre articuladas com as disciplinas de Português, Matemática e Estudo do Meio. Estas atividades resultaram na aquisição, não só de conceitos-chave essenciais, mas também de diferentes objetivos/competências:

- Saber o que é tecnologia;
- Conhecer a tecnologia que os rodeia;
- Reconhecer a importância da orientação espacial na programação;
- Aprender a definir um conjunto de instruções/comandos básicos (linguagem/código);
- Promover o desenvolvimento do pensamento criativo;
- Identificar e corrigir erros em sequências de instruções e em imagens.



“Aprendemos a não desistir das atividades, mesmo que sejam difíceis.”

Kevin Viegas, 1.º B



EDUCAR PARA
o desenvolvimento
pessoal e académico

TSF - Programa Pais e Filhos (abril 2018): Escolhas para o futuro

Joana Carmo Psicóloga do Gabinete psicopedagógico do Colégio Valsassina, em entrevista para a TSF



A continuação dos estudos ou a via profissional são opções que se colocam aos alunos que agora estão no 9.º ano, numa fase de decisão. De modo a ajudá-los são realizados vários testes, a par de entrevistas e sessões com representantes de diversas profissões. Neste processo de escolhas para o futuro os alunos devem ter alguma autonomia, mas também devem contar com o acompanhamento dos pais.

O processo de orientação vocacional tem várias etapas, não consiste apenas no momento da tomada de decisão ou na aplicação dos testes psicotécnicos de que tanto ouvimos falar. A aplicação destes acaba por ter um valor muito residual, é o contacto com o aluno, perceber as suas expectativas, interesses, que acaba por ser fundamental para ajudar numa decisão. Gosto de sublinhar que é uma decisão deles, devemos incentivar esta autonomia. Mas há vários elementos importantes nesta escolha, os psicólogos, os pais...

É essencial que os alunos, durante a escolaridade, sejam estimulados a perceber quais são as suas aptidões, para o que é que têm jeito, porque isto depois vai resultar numa escolha. É importante que os pais lhes falem sobre as várias profissões, eles são um elemento fundamental em todo o processo, às vezes tomam uma decisão pelos filhos ou impõem-lhes limites muito restritos, por outro lado, se não querem de todo influenciar, demitem-se do papel. A escolha é dos alunos, porém deve ser acompanhada e supervisionada.

Os alunos preferem que os pais os ajudem neste processo ou preferem mais autonomia?

Preferem mais autonomia, embora os mais indecisos esperem que alguém tome a decisão por eles, o caminho mais fácil, alguém que não exija deles o processo de tomada de decisão e de exploração dos seus interesses.

É sempre importante que os pais tentem perceber a base da tomada de decisão. Nestas idades eles são extremamente influenciáveis. Principalmente em determinadas áreas. Exemplificando, com um aluno muito bom há a tendência dos professores ou dos colegas para acharem que ele deve seguir a área de ciências. O velho discurso [do desperdício de capacidades] ainda existe, principalmente em relação às línguas e humanidades e às artes visuais. Há que ter algum cuidado. Não quer dizer que seja intencional, mas os professores e os pares são figuras altamente influentes. É importante que os alunos estejam confiantes e a fazer um percurso individual, para depois conseguirem enfrentar estas influências externas.

“Por isso reitero que não é uma decisão de um único momento, acaba por ser o primeiro passo para a construção de um projeto de vida.”

Os jovens hoje amadurem mais tarde (há essa ideia na sociedade). Isso torna mais difícil a escolha de que curso se vai seguir, de que faculdade se irá escolher? Tenho vindo a pensar bastante essa questão. Antigamente tínhamos as profissões base, advogado, gestor, médico; atualmente o leque é vasto, somos mais criativos e tentamos pensar soluções e profissões novas. O conhecimento do mundo profissional tem de ser mais aprofundado para eles se conseguirem identificar. Começamos também a perceber que a falta de maturidade vocacional deles advém, por vezes, da falta de comunicação entre pais e filhos, ou de os jovens se fecharem muito. Por exemplo, eles, muitas vezes, não sabem o que fazem os pais, não sabem explicar a profissão daqueles que os rodeiam. E isso poderia facilitar muito todo o processo de orientação, eles conseguirem explorar o mundo profissional, que os ajudem nisso, para depois associarem mundo profissional aos interesses e aptidões deles.

Esse desconhecimento profissional que os jovens têm poderia ser esbatido com a visita de profissionais às escolas, ganhando esse tipo de consciência em relação ao futuro? Se é que esse tipo de iniciativas não existe já...

O colégio tem sempre várias iniciativas, mas, especificamente no 9.º ano, organizamos um evento, que pretende colmatar este desconhecimento: dividimos os dias pelas áreas e convidamos alguns profissionais para falar com eles. Há um interesse genuíno por parte dos alunos e é uma mais-valia, principalmente quando quem vem partilha as suas

histórias, lhes conta que já esteve na mesma situação que eles. É ainda importante partilhar que é normal ter dúvidas. E que até nós, adultos, as temos no nosso percurso. Por isso reitero que não é uma decisão de um único momento, acaba por ser o primeiro passo para a construção de um projeto de vida.

“Tento sempre transmitir-lhes a ideia de que serão sempre mais felizes e mais esforçados para encontrar novas soluções quando estão a fazer algo de que gostam, do que quando seguem para percursos para que vão contrariados.”

E que dúvidas apresentam os alunos?

Os alunos têm algum receio deste autoconhecimento e têm dificuldade em pensar sobre eles próprios, quais são as suas próprias características, interesses, como se definem, que projetos futuros se veem a concretizar. Depois surgem outras questões em entrevista relativas à preocupação da empregabilidade, estas questões começam a trazer alguma ansiedade. Os discursos que eles ouvem frequentemente, sobre o emprego, podem condicioná-los. Tento sempre transmitir-lhes a ideia de que serão sempre mais felizes e mais esforçados para encontrar novas soluções quando estão a fazer algo de que gostam, do que quando seguem para percursos para que vão contrariados.

Olhando para o futuro, há alguma tendência que consiga identificar nas escolhas dos jovens alunos?

O leque é diversificado, porém as áreas da tecnologia, engenharias, gestão, são bastante aliciantes, estão associadas a uma maior empregabilidade e a melhores condições de vida. Os jovens associam estes percursos a caminhos mais seguros, continua a haver alunos que querem ir para medicina ou para investigação, mas esta parte das engenharias começa a ter alguma relevância.



Podcast da entrevista disponível em:

<https://www.tsf.pt/programa/tsf-pais-e-filhos/emissao/escolhas-para-o-futuro-9226826.html>

EDUCAR PARA o multilinguismo

National Public Speaking Competition

This year, the National Public Speaking Competition took place on the 4th of March. The standard of the speeches this year was very high and they kept the audience enthralled throughout the competition.

The main aim of the English-Speaking Union is to help students discover their own voice, to acquire the ability to talk fluently and express ideas, so that

they can develop their confidence, self-esteem and communication skills which are very important to empower them in their post-school choices and experiences.

Our young speakers (**Berke Santos** e **Tiago Sa-lem**, 11th 1A) had the opportunity to showcase their skills and they delighted the audience with interesting, thought-provoking speeches.

Man vs Machine

Berke Duarte 11th 1A

Thirty-thousand feet up. That's how high the United Flight 232 was cruising from Denver to Chicago, on November 19th 1989. It seemed like a regular journey. But no sooner had they reached the hour mark of flight, than a deafening 'Boom' echoed through the cabin. It was engine number two, which had stopped working. Remaining calm, the pilots managed to take control of the airplane. However, as soon as they were able to do it, the in-flight engineer reported that the hydraulic wires had been cut. This meant that the pilots could not steer the plane in any way. It looked as if they were doomed. Until Denny Fitch, a passenger, who happened to be a DC-10 flight instructor, offered to assist the pilots. Together, they succeeded in landing it, just 40 minutes after disaster stroke. Now, almost thirty years after the event and knowing all the technological advancements there have been, we may ask: Would a machine, by itself, have done a better job than those men working together? I don't think so. I believe that pilots and humans in general have the extraordinary capacity to come up with inventive and creative solutions, when facing new challenges.

Flight 232 is just one example of extreme situations which require a fast and efficient response. Of course, computers are much faster than one man or woman, but the issue is that they are programmed by a human mind, which is not able to predict all possible events that can take place during a flight. Therefore, they are limited to a certain amount of responses. Nonetheless, with the development of technology, an autopilot can pretty

much do everything. According to *The New York Times*, during a usual flight, on average, a pilot has to manually steer the plane for a total of 4 minutes. The problem is when it isn't a usual flight and there is some sort of issue that the autopilot is not able to resolve. A programmer can only predict what will happen, while a human pilot is able to act and to guide the events to a different ending than the one that seemed inevitable, at first. A pilot is able to act like an innovator, fast and efficiently when facing a new problem. And that's what happened on that November afternoon.

In spite of that, you may have heard that big agencies, such as NASA, are willing to invest time and money developing pilotless planes, so that airlines will be able to save billions in additional costs related to training and paying human pilots. Furthermore, we see more and more self-driving cars being designed and tested around the world. Thus, you may come to the conclusion that, perhaps, it is really time to change and embrace hi-tech in our means of transportation. So how can I convince you that there still are plenty of risks associated with this decision?

(...) What I meant with this story, was not to scare you in any way, but to show you that, in certain situations, machines are not as capable as men are. As the Air Line Pilots Association once stated: "A pilot on board an aircraft can see, feel, smell or hear many more indications of an impending problem and begin to formulate a course of action before even sophisticated sensors and indicators provide indications of trouble."

All in all, “man versus machines” will continue to be a hot topic. However, it is essential to understand that there should be no winner. There is no need to fully replace a pilot, neither is it necessary to stop using autopilots. Both help each other to achieve the same goal: to save as many lives as possible when

needed. But in the case of flight 232, an autopilot could never have saved as many lives as the four men did because no one could have ever predicted what happened on that day. Therefore, pilots show us why it is always better to invent and create a new tomorrow, rather than just predicting it with machines.

Waste: a management problem

Tiago Salem 11th 1A

Imagine yourself twenty years from now. Some of you might picture a home, others a family or a specific job. However, your futures will all have something in common: an apocalyptic scenario when looking out the window. Mountains as high as a 30-store building made only of plastic bottles. Beaches where sand is replaced by metal tips, electronic devices, paper boxes, couches and all kinds of objects you can find in your house today. In the seas, surfing is banned because instead of normal waves what we see is an endless white mass of plastic bags floating in the rhythm of the water. In the air, when the forecast predicts rain for Sunday, it means that no one is allowed to go out because the rain is so acid it may burn your skin. This, ladies and gentleman, is our future. Human kind is producing more non-recycled waste than our planet can handle and this has a significant impact on the world's climate. (...)

Today, we produce 1.3 billion tonnes of solid waste every year, and scientists predict that number will double until 2025. And where does all this useless garbage go to? Most of it is simply disposed in landfills or thrown in the oceans. Some is burned, and only a very small amount is actually recycled. However, when thrown in landfills, waste starts to generate slurry, which is a dark and highly polluting liquid that infiltrates and contaminates the soil, killing local fauna and flora. Landfills are also a perfect place for diseases to proliferate. One may say that burning is the perfect solution, because it, literally, makes it go away. Yet, it has been proven that when burned, solid waste releases methane gas (CH₄) which contributes immensely to the Greenhouse Effect, responsible for global warming and increasing sea levels. The amount that is directly thrown into the oceans is deadly for marine species which die from eating plastic bags or metal objects. Apart from that, there are dozens of waste islands spread throughout the Globe, which will eventually hit the

coasts and turn beaches and coastal towns into real wastelands.

(...) And whose fault is it? Some say that the guilt goes entirely to big companies, which dispose useless, and many times toxic, residuals directly in Nature's heart, as we've seen happen right here in Tagus River. Nevertheless, it is clear that situations like this represent only a small amount of the whole scenario. We, average human beings, are the most destructive creatures on the planet, and we don't seem to be heading towards change.

The greatest human desire in the 21st century is to consume. Psychological researches have shown that the pleasure we feel in buying something new can be compared to sexual orgasms, and that need of having always the latest product is what's causing our own ruin. The industry produces non-stop, 24 hours a day, the same product and we, foolishly, keep buying it.

So, the question that remains is: is there a way out? Yes, there is. There are simple things that we can do everyday to reduce the amount of waste we produce. You can start by refusing things that you don't need, like straws or plastic bags. But most importantly, we must consume less. We absolutely need to ask ourselves “do I really need that?” before buying an item. If the answer is “no”, turn your back to the store and go do something else, maybe enjoy Nature while we still can. In the bigger picture: all companies in the world should be, by law, responsible for their own waste. What I propose is creating Agencies that regulate how the treatment of garbage is done in industries, as well as making them recycle at least 80% of the useless materials.

All in all, it's important to realize that everything we do has an impact on the environment, and we must try to reduce it as much as we can, or the predictions I made earlier will become a reality. The future is in our hands, and it is our duty to shape it towards a better world, but we have to start now.

EDUCAR PARA
a qualidade
e excelência

Quadro de Honra 2.º P 2017/2018

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no ensino básico e de 17 valores no ensino secundário), quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

Número	Nome	Turma
5º ANO		
4896	Vera Maria Rosado Paixão	5º A
4974	Sofia Simões de Abreu Faro Varandas	5º A
4992	Leonor Mateus Cintra	5º A
4947	Mariana Rodelo Francisco	5º B
5385	Maria Gabriela Marques Pires de Carvalho Pastilha	5º B
4905	Diogo Miguel Landeiro Filipe de Sousa	5º C
4926	Joana Ferreira Rebelo Neno de Resende	5º C
4980	Francisca Carvalho Paim da Câmara	5º C
6207	Manuel Nicolau Saraiva Mendes	5º D
6285	Ana Sofia Alves Andrade	5º D
6º ANO		
4814	Carolina Paiva Nunes Pereira Gomes	6º A
5151	Xavier Vilbro Videira	6º A
5963	Raissa Karim Gulamhussen Rajabali	6º A
4785	Mafalda Mendes Pereira da Conceição	6º B
4807	Maria Madalena Brisson Lopes das Neves Nunes	6º B
4828	Ana Francisca de Sá Vilarça Venâncio Martins	6º B
5946	Inês Fonseca Esteves Braz	6º B
4746	Rodrigo da Silva Lages de Carvalho	6º C
4750	Leonor Meireles da Cunha Guerra	6º C
5365	Chengxiang Xu	6º C
5461	Sara Alice Dias Pastor Pinheiro	6º C
5947	Rafaela Brito da Conceição Maia	6º D
6012	José Maria Salsa Gameiro Lopes	6º D
7º ANO		
4562	Ricardo Silva Abrantes	7º A
4585	Inês Maria Rosado Paixão	7º A
5054	Pedro Nuno Guerreiro Machado	7º A
5716	Nayir Karim Gulamhussen Rajabali	7º A
6417	Laura Dias Mendes	7º A
5720	Jessica Alexandra Gomes Nunes	7º B
6321	Pedro Miguel Veloso Gregório de Velasco Martins	7º B
6339	Margarida Maria Perry da Câmara Saldanha Rocha	7º B
6344	Margarida Maria Mesquita Domingues Nunes	7º B
4751	Tiago Fernandes da Cunha Lobo	7º C
4775	Matilde Parente Carvalho	7º C
5347	Madalena de Castro Teófilo Baptista Filipe	7º C
6353	Carolina Dias Catapirra Gomes Pignatelli	7º C
6387	Gonçalo Moura Santos	7º C
4560	Madalena Patrocínio Carneiro Leitão Santos	7º D
4682	Simão dos Santos Rodrigues da Silva	7º D
4824	Tiago Cachadinha Alves da Silva	7º D
5135	Xavier Ferreira Alves da Cunha	7º D
5136	Catarina Sofia Paiva e Silva	7º D
5756	Mafalda Gonçalves Carreira Gomes de Pinho	7º D

Número	Nome	Turma
8º ANO		
4330	Maria Saldanha Campelo de Almeida	8º A
4370	Joana Alves Pereira de Ferreira Monteiro	8º A
4400	Catarina Henriques Botelho Severino Alves	8º A
4401	Rafael Gueifão Cruz	8º A
4409	Manuel Henrique dos Santos Vicente Alves Nabais	8º A
4425	Margarida de Amarante Pamplona Santos Leite	8º A
4431	Gonçalo Carreira Corte-Real de Oliveira Abreu	8º A
4950	Tomás Lopes Calado Marques Canas	8º A
4808	Inês Pereira Poiães Mourinho Félix	8º B
6156	Maria Teresa Silva Correia	8º B
4427	Maria Teresa da Costa e Ervideira Coalho	8º C
5194	Inês Madeira de Almeida Ribeiro	8º C
5517	Maria Madalena Marques Pires de Carvalho Pastilha	8º D
5572	Vera Cardoso Lobato de Faria	8º D
5614	Miguel Velho Cabral da Rocha Henriques	8º D
5615	Susana Wu Wang	8º D
9º ANO		
4199	Marta Jesus Maurício	9º A
4234	Duarte Rebelo de São José	9º A
4242	Sofia Correia Braz Lopes Simas	9º A
4556	Vera Godinho Ferraz Leal	9º A
4584	Maria Inês Dias Portela Caldeira	9º A
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	9º A
4830	Rui Miguel de Sá Vilarça Venâncio Martins	9º A
4859	Frederico Nogueira Gonçalves Pereira	9º A
5012	António Ferreira Alves da Cunha	9º A
5195	Inês Lourenço Galvão	9º A
4219	Pedro Miguel da Glória e Silva Rodrigues Gomes	9º B
6386	Mafalda Moura Santos	9º C
4265	Lourenço Nuno Morgado Centeno	9º D
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	9º D
10º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	10º 1A
4115	Joana Bugalho Mah Alves da Silva	10º 1A
4124	João Diogo Teixeira Gomes	10º 1A
4383	Guilherme Eric Granqvist Cristina de Freitas	10º 1A
6016	Fábio Moraes Studart	10º 1A
6319	António Filipe Fidélis Ribeiro	10º 1A
4439	Pedro Afonso da Silva Sampaio Soares Machado	10º 1B
5016	Beatriz Moreira Borges Fernandes Barroca	10º 2
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	10º 3
5322	Margarida Eugénia de Sá Borges Paim	10º 3

Número	Nome	Turma
11º ANO		
3887	Catarina Ferreira Vicente Silva Nunes	11º 1A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rézio Martins	11º 1A
3895	Francisco Gameiro da Costa Martins Pedro	11º 1A
4257	Afonso José da Costa e Ervideira Coelho	11º 1A
4387	Maria Laura Cortez Mota	11º 1A
4440	Ana Luísa da Silva Sampaio Soares Machado	11º 1A
5037	João Ricardo Almeida de Montalvão e Silva	11º 1A
5822	Berke Duarte dos Santos	11º 1A
6334	Tiago Teixeira Salem	11º 1A
4256	Diogo Oliveira Marques Adegas	11º 1B
5092	Sofia Maria Duarte Ferrão	11º 1B
5116	Pedro Miguel Martins Rocha Nunes Dias	11º 1B
5130	Rita Frada Reis Vieira	11º 1B
5148	Afonso Brito Caiado Correia Alemão	11º 1B
4231	Rodrigo Nascimento Coisinha Marques dos Santos	11º 2
4266	João Pedro Morgado Centeno	11º 2
4382	Miguel de Vasconcelos Florêncio	11º 2
5079	Teresa Santos Costa Cabral	11º 2
5131	Maria Leonor Miguel Neto	11º 2
5152	João Afonso Nobre das Costa Fernandes	11º 2
5169	Rodrigo Ivan Gonçalves Barros e Sá	11º 2
5218	Soraia Sofia Santos Silva	11º 2
4213	Patrícia Teixeira Belo Marques	11º 3
12º ANO		
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	12º 1A
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	12º 1A
3704	Catarina da Costa Gameiro	12º 1A
4076	Beatriz Henriques Ferreira Martins Bernardo	12º 1A
4096	Diana Marques Sanchez	12º 1A
4291	Francisco Henriques Botelho S. Alves	12º 1A
4486	Raquel Sofia Miguel Carriço	12º 1A
4760	Vasco de Sena Fonseca Claro de Castro	12º 1A
4913	João Neto Afonso Dickson Leal	12º 1A
4970	Afonso Morgado Mota	12º 1A
5633	Bernardo José Soares Alves	12º 1A
5858	Margarida Emília Pita Rios	12º 1A
3727	Miguel Henrique dos Santos Vicente Alves Nabais	12º 1B
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	12º 1B
4031	Mafalda Miranda Salreu Martinho	12º 1B
4273	Guilherme Metelo Rita de Almeida	12º 1B
4963	Raquel Maria da Silva Novo	12º 1B
5606	Mariana Calado Franco	12º 1B
5864	André Girbal de Jesus Rebelo dos Santos	12º 1B
3707	Francisco Campos Nogueira Machado	12º 2
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	12º 2
3726	Marta de Oliveira Martins Pugsley Inocêncio	12º 2
3733	Tomás Valentim Barbosa Droznik Bensimon	12º 2
5015	Guilherme Moreira Borges Fernandes Barroca	12º 2
4283	Constança Malhado Rodrigues Ferreira Gomes	12º 3
4271	Leonor de Lacerda Saraiva	12º 4
6167	Mariana Batista Cheira e Cerlheiro Neves	12º 4

Dois alunos do Valsassina participaram na Final Nacional das Olimpíadas da Filosofia

O Colégio Valsassina participou, pelo quarto ano consecutivo, nas Olimpíadas Nacionais de Filosofia.

Selecionados a partir de uma prova interna, os alunos **Duarte Almeida** (11.º1B) e **Tiago Salem** (11.º1A) representaram o Colégio na fase nacional que ocorreu no Agrupamento de Escolas de Alcácer do Sal, nos dias 13 e 14 de abril.

O empenho e a ousadia filosófica que os nossos alunos mostraram levou-os à obtenção, respectivamente, de um 13.º e 27.º lugar, num universo de 80 participantes.

1º LUGAR no Concurso Internacional de HAIKU

A aluna **Sara Santos** do 8.º B ganhou o concurso Internacional de Haiku para crianças promovido pela Japan Air Lines Foundation com o apoio da Embaixada do Japão.

O Haiku teve a sua origem no Japão no séc. XVII. No princípio era considerado como um jogo de palavras ou ideias, mas só com Matsuo Basho (1644-1694) é que passou a ser considerado como literatura. O Haiku é um estilo poético que capta um momento na vida do poeta através de um verso muito breve e descritivo. O poema “congela” um instante no tempo, deixando espaço para a imaginação de quem o lê. Cada palavra funde-se perfeitamente na outra transportando o leitor para um reino poético que usa apenas três versos.

1º e 3º lugar para projetos de Biologia no XIII Congresso Nacional Cientistas em Ação

O Congresso Nacional Cientistas em Ação, organizado pelo Centro de Ciência Viva de Estremoz e pela Universidade de Évora, pretende fortalecer o contacto, a troca de ideias e experiências entre os alunos, professores e cientistas, incentivando a apresentação dessas ideias à observação e avaliação, no âmbito da divulgação e comunicação da cultura científica e tecnológica. Dois trabalhos de alunos do Valsassina foram premiados:

- **1.º lugar:** Avaliação dos níveis de mercúrio de uma população de jovens portugueses entre os 12 e os 18 anos, da autoria de **Afonso Mota** (12.º 1A), **Bernardo Alves** (12.º 1A), **João Leal** (12.º 1A) e **Miguel Guerreiro** (12.º 1B)
- **3.º lugar:** Aproveitamento de resíduos florestais na otimização da produção de PHAs por culturas microbianas mistas (MMC), da autoria de **Beatriz Bernardo**, **Carolina Gomes** e **Francisco Alves**, alunos da turma 12.º 1A.

O congresso decorreu no Centro de Ciência Viva de Estremoz, no dia 29 de abril.

Alunos de Artes distinguidos no concurso “Sardinhas” inserido nas Festas de Lisboa 2018

No âmbito do *Concurso Sardinhas PSP/EGEAC 2018*, concurso inserido na temática das Festas de Lisboa 2018, as Escolas foram desafiadas a participar com a elaboração de uma sardinha alusiva às referidas festas e a conselhos de segurança e prevenção criminal. Cinco alunos do Valsassina foram premiados com o 1º lugar neste concurso, sendo de realçar a qualidade e criatividade dos trabalhos apresentados:

- **Maria Inês Caldeira** 9.º A
- **Marta Maurício** 9.º A
- **Gonçalo Brito** 10.º 4
- **Rodrigo Barrote** 10.º 4
- **João Alves** 10.º 4

A cerimónia de entrega dos prémios realizou-se no dia 6 de junho no **Comando Metropolitano de Lisboa**.

EDUCAR PELA e com a música



Este é um dos momentos do ano em que os alunos das atividades de grupo têm a oportunidade para mostrar o seu trabalho e aprendizagens adquiridas.

O Concerto teve início com o Coro juvenil, sendo, brilhantemente, acompanhados ao piano por alguns alunos da Classe de Piano da Professora Maria João Morais. O Coro juvenil é constituído por alunos do 2º e 3º ciclo, onde o trabalho vocal de conjunto e a cooperação entre pares são elementos trabalhados e muito estimulados.

As Classes de Piano das Professoras Luísa Calçada e Cláudia Correia também se fizeram representar pelos alunos Pedro Silva que tocou "Sonatina em Sol M" de L. V. Beethoven, Margarida Silva e Catarina Marques que, mais uma vez, nos brindaram com um dueto "Scherzo" de Anton Diabelli e o aluno Cheng Xu, que se estreou neste palco tocando "River flows in You" de Yiruma.

A Classe de Clariné, Clarinete e Saxofone, este ano, fez-se representar pelo recente aluno João Ferreira que tocou, no saxofone, o tema "Boris", as alunas Mariana Francisco e Matilde Monteiro, em dueto, tocaram, "Granito" de K. Ramon Kole. Posteriormente, juntaram-se a elas as alunas Francisca Martins e Maria Luís Carvalho formando o Ensemble de Clarinetes onde tocaram "Melody" de W. A. Mozart e "When the Saints go marching in", um tema tradicional americano.

Concerto da Primavera

Vanessa Freitas Professora de Música

O concerto da Primavera realizou-se no dia 18 de maio e foi preparado com muito empenho pelos alunos e professores das atividades extracurriculares de Música.

A CV Orquestra é um projeto pioneiro e pretende, gradualmente, constituir a Orquestra do Colégio Valsassina. Este ano, a Orquestra era composta por um pianista Duarte Mateus, uma violinista, Rita Rodrigues, um guitarrista, Rodrigo Catarino, dois clarinetistas, João Castro e Francisca Martins e uma flautista e percussionista, Inês Braz. A CV Orquestra apresentou o "Concerto em Lá M" de W. A. Mozart com um arranjo adaptado.

A Classe de Guitarra, dirigida pelo Professor Marco Carvalho, apresentou dois temas "Variações", dando incidência aos alunos do 1º ciclo, tendo alguns, iniciado, ainda este ano letivo, as suas aulas de guitarra e os temas "Trees" e "Wicked Game".

O Coro infantil, este ano, dedicou-se à temática da "Música no Mundo". Foram diversos os momentos felizes passados com estas vinte e uma meninas. Este grupo tem evoluído na sua cooperação e empenho em ensaios, aceitando os desafios e superando-os com entusiasmo.

No Concerto da Primavera, o coro infantil cantou três temas, fazendo-se acompanhar pelos Grupos Instrumentais do 1º e 2º ciclo.

"Akai hana" é um tema tradicional japonês que conta a história de uma pequena flor vermelha num jardim sem cor. Este tema teve o brilhante acompanhamento da pianista Gabriela Rodrigues e da violoncelista Maria Augusto. "Jimba Papalujska" é um tema tradicional russo e contou com o acompanhamento do G. I. do 1º ciclo e, por fim, "Magwene mpulele", um tema tradicional da África do Sul que foi acompanhado pelos alunos do G.I. do 2º ciclo, tendo sido eles a construir o arranjo do mesmo.

Grupo Coral do Colégio Valsassina

Este Grupo Coral é composto pelos professores Carla Almeida, Fátima Monteiro, Paula Gouveia, Daniela Louro, José Manuel Marques, Juan Prado e José Rainho.

O grupo tem sido uma surpresa constante pelo seu empenho e dedicação ao projeto. Apesar das dificuldades de conciliação de horários, o grupo tem se mantido unido e persistente, cantando temas a duas vozes, melhorando de ensaio para ensaio.

No Concerto da Primavera, o Grupo Coral apresen-

tou o tema "Queda do Império" de Vitorino e "Fields of Gold", interpretado por Sting, num arranjo para duas vozes com acompanhamento ao piano.

Venham mais Concertos como este! Viva a música!



EDUCAR PARA
o bem-estar e
para a liberdade
de expressão
corporal

Hip Hop Dreamers: Crescer com Ritmo

Elsa Braz Professora de Educação Física

A dança é uma atividade física e de comunicação que traz sensação de bem-estar, estimulando a pessoa que a pratica.

No entanto, há sempre uma enorme indecisão na hora de escolher o tipo de dança que se quer praticar. E que tal algo mais informal? E porque não algo baseado no freestyle (improvisação)?

O hip hop é um estilo de dança urbana que nasceu na década de 80, com um cariz social e cultural muito próprio. Foca-se essencialmente na liberdade de expressão corporal, utilizando diferentes estilos de dança (desde o breakdance ao ragga jam).

Os benefícios do hip hop são evidentes. Promove o desenvolvimento da coordenação motora, a noção de espaço, o equilíbrio, o conhecimento do corpo e o sentido rítmico. Tende ainda a favorecer o diálogo entre a pessoa e a sua bagagem motora de expressão corporal, aumentando a motivação, a concentração, o autoconhecimento, a autoestima, a autodeterminação e o sentimento de pertença.

As aulas de hip hop no colégio são direcionadas para alunos que gostam de se desafiar. São aulas divertidas e enérgicas que incidem no tipo de dança mais popular nos dias de hoje.

Desde 2015 na Hip Hop Dreamers, a nossa classe de hip hop conduzida pela Professora Selma Ribeiro, estimula-se o desenvolvimento de coreografias, procurando promover o desenvolvimento individual e o estilo e o espírito de grupo, através do uso de movimentos urbanos e de músicas que transmitem mensagens positivas.

Durante o ano letivo, a Hip Hop Dreamers está envolvida em eventos do colégio, como o Dia na Escola, a semana de educação física e torneios de voleibol. Participa ainda no Festival Corpo e no sarau de encerramento do desporto escolar.

Procuramos incentivar as crianças à prática de exercício físico, promovendo um estilo de vida saudável desde cedo e o hip hop é uma forma divertida de as cativar.

"A dança mudou a minha vida"

Marta Castro 3.º ano

"Estar na classe de hip hop faz-me ser mais feliz!"

Matilde Alves 3.º ano

"Pedi uma equipa e deram-me uma família"

Matilde Teixeira 5.º ano

"Quando danço liberto todas as energias más que recebo, sou mais livre quando danço, é por isso que gosto de dançar!"

Mariana Francisco 5.º ano

"Quando estou no palco sinto-me livre, feliz e liberto as minhas energias e por isso adoro dançar!"

Mariana Carneiro 5.º ano



COLÉGIO EM AÇÃO A Viagem a Roma



Viagem de finalistas do 9.º ano

Era dia 3 de abril, 3h30 da manhã, e não se encontrava quase ninguém no início da passadeira rolante do Terminal 1 do aeroporto de Lisboa (o ponto de encontro). Pelo menos, nenhuma cara conhecida. Posso ter chegado um pouco mais cedo, confesso, mas pensava que alguém faria o mesmo. Meia hora depois, à hora combinada, já quase toda a gente se encontrava no ponto de encontro, e, quando chegaram os que se tinham atrasado, era hora de partir. Então lá fui eu “cravar” dinheiro aos meus pais, para poder comprar alguma lembrança de Roma, e depois fui-me rapidamente embora com os meus amigos e colegas (sem me esquecer de me despedir, como é óbvio).

A viagem de avião foi como sempre. Havia o típico bebé a chorar, muita gente a dormir e, para além disso, tive que me levantar seis vezes para deixar o meu colega que ia à janela passar (eu ia na coxia), ora para ir à casa de banho, ora para ir buscar um baralho de cartas, ora para ir buscar pastilhas para mastigar... Realmente era um pouco enervante, mas confesso que foram coisas como essas que me distraíram durante a longa viagem de avião.

E quando dei por mim já tínhamos aterrado em Itália. Esta viagem era um acontecimento que eu, tal como os meus outros colegas, esperava há muito tempo, e por isso demorei um bocado a mentalizar-me de que já tínhamos chegado. Eram cinco dias sem os nossos pais, com os nossos amigos e num país completamente diferente. Isso dava-me um enorme sentido de liberdade, embora fosse uma liberdade um pouco assustadora. Felizmente, tínhamos lá os professores, que não nos deixariam fazer nada de que nos fôssemos arrepender mais tarde.

Mal chegámos a Roma, fomos almoçar e deixar a nossa bagagem no hotel, porque logo a seguir tínhamos que ir visitar o Coliseu. Esse local foi o meu sítio preferido de todos os que visitámos, devido à sua história e às múltiplas batalhas entre gladiadores que lá tinham ocorrido.

À noite, no hotel, fomos arrumar a nossa bagagem aos nossos quartos, e depois disso dirigimo-nos à sala de refeições para o jantar. Na minha opinião, a comida do hotel foi sempre boa, apesar de alguns colegas mais esquisitos não terem acha-

do o mesmo. Depois do jantar, dirigimo-nos para os nossos quartos e eu estaria a mentir se dissesse que não fiquei a conversar com os meus amigos até altas horas da noite em vez de descansar. O que eu não sabia era que no dia seguinte eu me viria a arrepender dessa escolha, visto que foi o dia em que andámos mais. De manhã, fomos às termas de *Caracala* e à *Piazza Venezia* e à tarde fomos ao Panteão e à *Piazza Navona*. No regresso ao hotel eu estava tão cansado que parecia que tinha corrido cinquenta vezes à volta do campo de futebol da escola. Certamente, depois do jantar, tive que resistir a esse cansaço, porque fomos ver a *Fontana di Trevi* à noite, e realmente essa vista era tão bonita que fez com que parasse de me sentir cansado.

Durante o resto da visita, visitámos muitos locais turísticos, como a *Hóstia* e a *Via del Corso*, mas o meu local preferido foi de certeza o Vaticano. Estava muita gente lá dentro, mas isso não me impediu de ver a beleza que se encontrava no seu interior e a vista ainda mais bela da Basílica de São Pedro.

Eu olho para trás, para esses cinco dias, e lembro-me de quão divertida foi essa viagem. Passar cinco dias noutra país com os nossos amigos, especialmente quando não estávamos perto dos nossos professores, permitiu-nos ser mais autónomos e ter uma experiência que talvez se assemelhe à nossa vida futura, quando estivermos por conta própria. Foi, por isso, que quando cheguei a Portugal já sentia a saudade dessa viagem, mas também a esperança de vir a ter experiências semelhantes.

Diogo Canas 9.º A



Viagem de finalistas 12.º ano, Cabo Verde

A viagem de finalistas representa, para todos, o fim de uma etapa – a nossa passagem pelo colégio.

Simboliza, não só, a nossa união como, também, a nossa consciência de que os anos passaram a correr. O tempo vai passando por nós sem darmos conta - «Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve sua face, Saturno» - e quando olhamos para trás, apercebemo-nos que chegámos ao fim desta fase académica da nossa vida.

Durante a nossa estadia em Cabo Verde, tivemos a oportunidade de visitar Sal-Rei, uma vila da ilha da Boavista. Aqui, consciencializámo-nos das disparidades entre o nosso país e um país do terceiro mundo. Por vezes, queixamo-nos do muito que temos achando que é pouco, mas, ao entrarmos em contacto com a realidade deles, caímos em nós. Saímos de lá com outra visão da vida, aproveitar ao máximo as coisas que não têm preço, pois essas são as que nos vão acompanhar durante todo o nosso percurso. E foi isso que o colégio nos ensinou. Os valores que cada um de nós, alunos finalistas, leva para casa ao fim do dia, para a faculdade, para a vida toda.

Sem dúvida foi uma viagem inesquecível, da qual nenhum de nós se vai esquecer de certeza. Um destino diferente, uma realidade oposta, uma experiência de

**Constança Gomes 12.º 3 e
Marta Anahory 12.º 2**



Chegou a hora

Chegou a hora. A hora pela qual esperámos o ano inteiro. Pensámos e pensámos como seria esta viagem, imaginando a ilha paradisíaca que nos ia receber e ansiávamos ainda mais o “tudo incluído”.

No meio destes pensamentos e bocejos, ouvimos a última chamada para a Boavista, Cabo Verde. O pânico instalou-se. Numa visão exterior, viam-se crianças adolescentes a correr, com tudo o que levavam a cair para o chão, apressadas pelos professores zangados que iam repetindo a palavra “irresponsáveis”.

Depois deste stress todo e de 4 horas de avião, foi maravilhoso chegarmos a uma ilha, cujo lema é “no stress”. Fomos recebidos com um enorme calor quer das pessoas, quer atmosférico. E, mais tarde, depois do Tomás perceber que não era naquele dia que ia receber a sua bagagem, seguimos diretamente para o mítico Iberostar.

Aqui não só realmente começou a nossa viagem, como também conhecemos, pela primeira vez, a incrível “animaxiõne team”, entre os quais: o Mr. Fofinho; a Pipoca; Charles, o Mr. Cappuccino; João, o super-homem; a Lily, a gigante, entre outros.

Começou a rotina de praia. Pequeno almoço cheio de crepes, ovos feitos de todas as maneiras, bacon para os menos saudáveis, batatas fritas (sim, ainda estamos a descrever o pequeno almoço). De seguida, separaram-se os apreciadores de praia e os apreciadores de piscina. Depois do almoço começavam as mais variadíssimas atividades de dardos a danças e de polo aquático ao bingo. Ao final do dia, com o vento a aumentar na praia, todos se reuniam na piscina a beber os seus mojitos e “júlios” e a apreciar o pôr-do-sol.

Ao jantar, competíamos para ver quem tinha mais dores de escaldões.

Maria Figueiredo e Carolina Caldeira 12.º 2

Discurso apresentado pelos alunos finalistas



“... por exigirem de nós tudo, por estarem ao nosso lado, por serem nossos amigos, por termos uma relação e por não ser tudo estritamente profissional, porque é com esta filosofia que nós acreditamos em nós e no nosso potencial, obrigado stôres e stôras.”

Não somos 2, somos 68. Não somos o Miguel e a Margarida, somos, aqui, hoje, todos os finalistas, presentes e não presentes. E, por sermos apenas nós os dois em nome de tantos outros, queríamos, em primeiro lugar, agradecer a todos os nossos amigos e colegas pelo voto de confiança.

15 anos, 13 anos não são 15 dias ou 13 dias. Mas, olhando agora para trás, parece que passaram como 15 minutos. 15 minutos intensos, cheios de memórias e momentos inesquecíveis, tanto bons como menos bons. Contudo, foram todas estas vivências que determinaram e moldaram as pessoas que somos hoje. Aprender a viver e a lidar com as mais diversas dificuldades nem sempre é fácil e, ao longo do nosso percurso, todos tivemos as nossas alegrias e as nossas tristezas: desde ver tudo “A” na pauta das provas de aferição, à ansiedade do momento em que procuravas o teu nome na pauta dos exames de 11^a ano e só rezavas para ver a nota pela qual tinhas lutado o ano inteiro. Alegrias e tristezas daqueles que vimos chegar e que connosco ficamos, mas também daqueles que tão carinhosamente nos receberam e acolheram nesta nossa segunda casa e que, infelizmente, vimos partir. Como representantes desta geração Valsassina, muitos de nós crescemos ao lado de duas enormes personalidades desta família que desde sempre fizeram parte do nosso quotidiano. Devemos-vos, por tudo o que foram, representam e fizeram por nós, direta e indiretamente, um eterno e gigante agradecimento, Dr. Frederico e D. João Valsassina. Ao nosso querido Dr. Frederico, o nosso honesto obrigado por todos os rebufados distribuídos durante o recreio e pelas permanentes manifestações de simpatia e boa disposição. Ao nosso admirado Dr. João, um profundo obrigado por todos os carolos distribuídos e pelos constantes incentivos e votos de sucesso escolar.

Com três e cinco anos, entramos no colégio. Vestidos a rigor, com o nosso mítico bibe, de mão dada convosco, chorávamos baba e ranho. E aqui hoje, mais uma vez vestidos a rigor lembramos com saudade estes tempos, novamente convosco, desta vez ao nosso lado, de coração aberto para nos apoiar nas novas etapas da nossa vida cada vez mais exigentes e desafiantes. O nosso maior obrigado é para vocês, família. Foram, são, e sempre serão os nossos primeiros educadores, o nosso porto de abrigo, no fundo, a nossa primeira casa.

As metas curriculares são para ser cumpridas e as matérias não se dão sozinhas. Aqui entra o corpo docente. Equações e orações à parte, todos nós experienciámos momentos únicos em sala de aula que contados não cabem neste tempo de discurso, mas como lembrança de algumas destas figuras que marcaram o nosso percurso escolar ficam os nomes das mesas onde tão orgulhosamente nos sentamos hoje. Os professores são o pilar da nossa formação desde aprender as cores e os números, às aulas de pintura e às coroas de papel do dia de reis ou aos míticos presentes do dia do pai e do dia da mãe, à escolha das áreas às aulas de Economia, Biologia, Geometria Descritiva, Desenho e Físico-química. São eles que nos ensinam a estar numa sala de aula

durante 90min, são eles que criam expectativas e com elas nos fazem atingir bons resultados, mas são também eles que brincam e partilham histórias dos seus animais de estimação e são eles que falam conosco e nos convencem que conseguimos ser mais e melhores quando escorregámos no teste, mas nós temos a perfeita noção de que os nossos professores são assim, mas os nossos não são os de todos os outros alunos do país e aqui está a grande diferença. É por isto que temos de vos agradecer, por exigirem de nós tudo, por estarem ao nosso lado, por serem nossos amigos, por termos uma relação e por não ser tudo estritamente profissional, porque é com esta filosofia que nós acreditamos em nós e no nosso potencial, obrigado stôres e stôras.

Resta-nos agradecer a todos os funcionários do Valsassina. Desde os portões até à quinta, descendo a rampa e entrando nos pavilhões, encontramos pessoas incrivelmente prestáveis. Muitas vezes, pela nossa pressa, podemos reclamar e dizer que há falta de eficiência, mas não nos podemos esquecer que tudo funciona por causa da sua dedicação ao colégio e aos alunos. Obrigada a todas as meninas e senhores.

Somos uma geração Valsassina, somos todos feitos de hábitos e tradições desde, para aqueles que cá andam desde de que se lembram, apanhar bagas e flores, de brincar aos pais e às mães e das “desafas” de futebol; para os que entraram depois, deslizar nas rampas de terra e comer folhados mistos e croissants com chocolate nos furos; e ainda para quem só viu o Valsassina dos crescidos as disputas musicais na rádio, os croissants de sementes, o pão de malte e as constantes discussões com os seguranças para que nos deixem sair. Agora, no último ano do nosso percurso escolar, olhamos para trás 15, 13, 8, 3 anos e sabemos que vamos relembrar com saudade estes pequenos momentos que também fazem de nós, alunos desta instituição, da qual não nos esqueceremos “ao entrar na vida sem a comoção e a dor da partida”.

Devem, depois de todos estes anos no colégio, sentir-se realmente orgulhosos das pessoas que se tornaram. A sorte que temos, diariamente, ao passar, antigamente, os portões, agora os torniquetes, rumo a mais um dia de trabalho, de esforço, mas também de genuínas gargalhadas e profundas, ou não, conversas é enorme, tal como o privilégio de poder ter acompanhado a caminhada de grande parte de vocês. Mudámos muito, crescemos muito, mas mudámos e crescemos junto daqueles que são e sempre foram, realmente os nossos amigos. Hoje, olhando à nossa volta, todos nós conseguimos olhar nos olhos algumas das pessoas mais im-

portantes da nossa vida, contudo é mais perto de nós, enquanto alunos, que se encontram aqueles a quem nos dirigimos agora. Os nossos amigos, os nossos pares e no caso do Miguel a irmã.

Cabo Verde não foi o início, nem o fim da nossa história até porque nem todos saltaram nas dunas do deserto de Viana, nem beberam mojitos ou cer-

“... o colégio representou continuamente “um grande lar onde um filho tem afetos de pai, carinhos de mãe”.”



vejas sem permissão, as peripécias e as fofuques foram inúmeras, mas há muito mais para falar. A nossa história começou na Quinta das Teresinhas, e por mais difícil que seja não termina aqui, no entanto, custa menos sabendo que todos nós levamos conosco muitos dos presentes.

Os sentimentos à flor da pele representam a gratidão e a saudade face a tudo o que já vivemos e experienciámos com todos aqueles que estão diante de nós. Assim, nós diremos mais uma vez num murmúrio de oração que chegou até aos nossos lábios do fundo do nosso coração:

O jantar de hoje representa quase o fim de uma etapa e o início de outra. Devemos, sem dúvida, dedicarmo-nos a todo o custo e lutarmos pelo nosso futuro, pois só assim conseguiremos atingir os nossos objetivos e triunfar na vida. Mas, para isso, não podemos, de maneira alguma, esquecer o nosso passado, a nossa história. Ao longo de vários anos, para uns mais, para outros menos o colégio representou continuamente “um grande lar onde um filho tem afetos de pai, carinhos de mãe”. Posto isto brindemos a todos os finalistas presentes e ausentes e a todos aqueles, presentes e ausentes, que fizeram parte e nos acompanharam nesta marcante jornada.

Margarida Rodrigues 12.º 1A e Miguel Cunha 12.º 1B

ACONTECEU

Concurso do Plano Nacional de Leitura

O Concurso Ler+ do Plano Nacional de Leitura é muito concorrido pelos nossos alunos que têm de demonstrar uma excelente compreensão das obras propostas pelo grupo de professoras do Colégio, para além de se exprimirem de forma muito correta. Apenas um aluno de cada ciclo podia ser escolhido e foi assim que o **Alexandre Peres** do 4.º Ano, o **Xavier Videira** do 6.º, o **Ricardo Abrantes** do 7.º e a **Carolina Gomes** do 12.º foram apurados para disputar a prova distrital na Biblioteca das Galveias.

Encontros com Escritores

O 3.º ano recebeu a escritora **Lara Xavier**. Veio apresentar a sua obra "Nunca digas nunca!" e falar um pouco da sua experiência profissional, proporcionando uma boa conversa com os alunos e atendendo à curiosidade dos mesmos.

Uma turma do 4.º Ano foi convidada para a apresentação do 60º livro da coleção "Uma Aventura" com o título "Uma Aventura no Palácio das Janelas Verdes" na presença das escritoras **Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães** no Museu Nacional de Arte Antiga.

Os alunos do 5.º ano participaram num encontro com o escritor **Nuno Matos Valente**, autor do livro A Ordem do Poço do Inferno, com ilustrações de Joana Raimundo, leitura recomendada para leitura autónoma pelo Plano Nacional de Leitura. O autor conversou com os alunos sobre o processo de escrita tendo por base a sua experiência pessoal.

Valsassina no National Geographic Summit 2018

Na sequência do envolvimento do Colégio Valsassina no National Geographic Summit 2017, voltámos a receber um convite para participar no evento deste ano.

O tema deste ano relacionou-se com a exploração espacial. Neste contexto, os alunos das turmas: 7.º A, 7.º C e 8.º C desenvolveram trabalhos sobre um dos temas: Lixo Espacial; Diplomacia e Relações Internacionais no Espaço; O ser multi-planetário; e Turismo Espacial. No dia 12 de abril, no Coliseu dos Recreios, os alunos participaram numa sessão exclusiva com Terry Virts, astronauta da NASA. cia pessoal.

Semana da Música 2018

A Semana da Música 2018 foi brindada com atividades destinadas aos alunos desde o Jardim de Infância ao 3.º Ciclo.

No Jardim de Infância foram explorados sons e realizadas experiências musicais na sala de Música. No 1.º Ciclo os alunos participaram numa apresentação de temas tradicionais do "Cante Alentejano". Toda a comunidade escolar foi desafiada a participar no "Workshop "Venham rodar", onde se pretendeu, através da música e dança, elevar os valores e relações sociais. No 2.º Ciclo foram dinamizadas Aulas Abertas onde os alunos receberam a visita dos encarregados de educação.

Transversal a vários ciclos, realizou-se o "Valsassina Got talento", onde os alunos tiveram a oportunidade de mostrar os seus talentos e partilhar com toda a comunidade escolar.



Aluno do Valsassina apurado para a Final Nacional das V Olimpíadas da Economia

O aluno João Centeno foi o finalista do Colégio Valsassina que participou nas V Olimpíadas da Economia em Coimbra, entre os dias 13 e 15 de abril.

"A participação na fase final das Olimpíadas da Economia foi uma experiência bastante enriquecedora, tanto a nível pessoal como académico. Mais do que uma competição por um primeiro lugar, este foi um fim de semana de formação económica." **João Centeno 11.º 2**



Conferência com Prof. Dr. António Pimentel

No dia 5 de junho as turmas dos cursos de Línguas e Humanidades e de Artes Visuais do secundário tiveram o prazer de assistir à Conferência do Prof. António Pimentel (Director do Museu Nacional de Arte Antiga). Foi uma sessão dedicada ao tema “Para que serve um museu?”, e que contou com um grande interesse junto dos nossos alunos.



Um Dia na Escola 2018

A festa anual do Colégio realizou-se no passado dia 9 de junho. Este ano foi marcado por muitas novidades e quatro linhas para descobrir, experimentar, ler/ouvir e festejar.

Foi um dia cheio de atividades, com muita animação e convívio que juntou todos os elementos da comunidade escolar: alunos, pais e famílias, professores, colaboradores e equipa directiva.

Visita de estudantes holandeses

No dia 19 de abril recebemos um grupo de alunos do The Queen Wilhelmina College, de Culemborg na Holanda, que estava de férias em Portugal e pediu para visitar o Valsassina. Os alunos do 11.º 2 foram os anfitriões de uma manhã que terminou com troca de ofertas gastronómicas.

Homenagem ao Antigo Aluno Bernardo Silva

O Colégio Valsassina associou-se ao Manchester City na homenagem ao antigo aluno Bernardo Silva. Integrado numa iniciativa mundial, durante a noite de domingo foi projectada uma animação na fachada do colégio alusiva tanto à sua formação em Lisboa e no Valsassina como ao título de campeão nacional inglês agora alcançado.

Bernardo Silva foi aluno do Colégio Valsassina entre 2004 e 2011.

Conferência com Prof. Dr. António Cunha

No dia 3 de maio, as turmas dos cursos de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais do 11º e 12º anos tiveram o prazer de assistir à Conferência do Prof. António Cunha (Antigo reitor da Universidade do Minho e Diretor do Laboratório Colaborativo em Transformação Digital - DTx). Foi uma sessão dedicada ao tema “Transformação digital: qual o futuro da indústria?”, o qual motivou um grande interesse e participação nos nossos alunos.

6 projetos de alunos do Valsassina seleccionados para a Mostra Nacional de Ciência 2018

O Concurso Jovens Cientistas e Investigadores pretende incentivar um espírito competitivo nos jovens, através da realização de projetos/trabalhos científicos inovadores. Na edição de 2018 do concurso Jovens Cientistas e Investigadores foram seleccionados, para a Mostra Nacional de Ciência, que se realizou nos dias 31 de maio, 1 e 2 de Junho no Centro de Congressos da Alfândega, no Porto, todos os projetos apresentados por alunos do Colégio Valsassina (cada escola tinha um máximo de 6 candidaturas):

- *Estudo da capacidade de adsorção de Crómio através de carbonizados produzidos a partir de casca de arroz e polietileno*, da autoria de **Bruno Lima** e **André Serra**, 12.º 1A, Biologia.
- *SILKit-BPA: Desenvolvimento de um kit de retenção de bisfenol A presente em ecossistemas aquáticos, recorrendo a líquidos iónicos suportados*, da autoria de **Afonso Mota**, **Bernardo Alves** e **João Leal**, 12.º 1A, Biologia.
- *Estudo de polimorfismos em RASGRF1 associado à miopia numa população de jovens portugueses entre os 15 e os 19 anos*, da autoria de **Berke Santos**, **Tomás Carneiro** e **Pedro Cortez**, 11.º 1A, Biologia e Geologia.
- *Aproveitamento de resíduos florestais na optimização da produção de PHAs por culturas microbianas mistas (MMC)*, da autoria de **Beatriz Bernardo**, **Carolina Gomes** e **Francisco Alves**, 12.º 1A, Biologia.
- *Gravity Power Bank*, da autoria de **Diana Sanchez** (12.º1A), **Raquel Carriço** (12.º1A) e; **Mariana Franco** (12.º1B) e **Miguel Guerreiro** (12.º1B), Física.
- *Informação a Km de distância*, da autoria de **Raquel Novo** (12.º1B), **Vasco Castro** (12.º1A) e **Rita Marques** (12.º1B), Física.

ACONTECEU no desporto



Ténis

Excelente desempenho dos alunos do Colégio no Circuito do Desporto Escolar Lisboa/Amadora/Cascais/Oeiras/Sintra.

Circuito do Desporto Escolar Lisboa/Amadora/Cascais/Oeiras/Sintra - Ranking 2017/18

Infantil A - Masculino	Infantil B - Masculino
2.º lugar - Vasco Leitão	1.º lugar - Jack Li
3.º lugar - João Bota	4.º lugar - Rodrigo Carvalho
3.º lugar - Manuel Nicolau Mendes	6.º lugar - Guilherme David
5.º lugar - Manuel Mendes	7.º lugar - Martim Borges
7.º lugar - Martim Figueiredo	10.º lugar - Chen Zechang
10.º lugar - Manuel Félix	
Infantil A - Feminino	Infantil B - Feminino
5.º lugar - Constança Alves	2.º lugar - Carolina Pignatelli
Iniciado - Masculino	Iniciado - Feminino
8.º lugar - Francisco Marques	2.º lugar - Luísa Fernandes
10.º lugar - Jorge Fernandes	5.º lugar - Maria Almeida

Iniciadas - Voleibol - 2.º e 3.º lugares distritais

As equipas femininas de voleibol, no escalão iniciados, conquistaram o 2.º e 3.º lugares no Campeonato Distrital do Desporto Escolar 2018.



Voleibol, Infantis A femininos, Campeãs de Lisboa

As equipas femininas de voleibol, no escalão Infantis A, conquistaram, este ano lectivo, os títulos de Campeãs e Vice-Campeãs de Lisboa, no Campeonato do Desporto Escolar.

Voleibol - Infantis A - Campeões distritais

Os Infantis A masculinos do Valsassina conquistaram o Campeonato Distrital de Voleibol do Desporto Escolar.

No torneio final, realizado no passado dia 12 de maio, no Pavilhão Desportivo do Colégio Pedro Arrupe, as nossas equipas (A e B) jogaram muito bem, obtendo um excelente desempenho, Conquistaram o 1.º e 2.º lugares no torneio, num total de 8 equipas, sangrando-se assim Campeões Distritais.

Ginástica e a de Hip-Hop

Mais uma excelente participação da Classe de Ginástica Especial, num dos maiores eventos da ginástica nacional. O Gym For Life, juntou entre os dias 20 e 22 de abril no Pavilhão Multiusos de Odivelas, mais de 3150 participantes. Este espetáculo de "Ginástica Para Todos" foi proporcionado pelas exibições de 130 classes em representação de 60 clubes.

A nossa Classe teve a sua prestação no sábado à tarde, com muito entusiasmo e apoio dos pais. No final do evento foi atribuída a Menção Bronze.

As classes de Ginástica Iniciadas e Especial participaram ainda no 3.º Sarau da Junta de Freguesia de Marvila na Escola Secundária Dom Dinis.



Vai acontecer... julho

- Atividades de tempos livres
- Formação de professores: Programa de Aprendizagem Cooperativa

setembro

- Formação de professores: Ensino experimental das ciências
- Início do ano lectivo

outubro

- Início das ações de plantação no talhão do Valsassina no Parque Natural Sintra-Cascais

novembro

- ValsaMat: Semana da Matemática
- Semana da Ciência e Tecnologia

dezembro

- Exposição de trabalhos realizados no 1.º período

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

Arte na Escola

“Arte na escola” é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1.º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School

<http://co2amais.blogspot.pt/>

Cultura, literatura, escrita

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

Evocação do centenário da I Grande Guerra

<http://omaiormuseudomundo.blogspot.pt/>



**COLÉGIO
VALSASSINA**

